

Mulheres Brasileiras em Portugal: Vivências possíveis. Trabalho de intervenção através de oficinas de escrita autobiográfica

Mariana Rezende de Souza Pinto

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos sobre as Mulheres realizado sob orientação científica do Professor Doutor Manuel Lisboa

Julho, 2017

Mulheres Brasileiras em Portugal: Vivências possíveis. Trabalho de intervenção através de oficinas de escrita autobiográfica

Mariana Rezende de Souza Pinto

Resumo: Este trabalho de projeto tem por objetivo propor oficinas de escrita autobiográfica para imigrantes brasileiras em Portugal como forma de abertura de espaço para a recriação de suas identidades e resistência frente ao estereótipo Mulher Brasileira em Portugal. Em revisão bibliográfica sobre a imigração brasileira feminina em Portugal, nota-se uma grande preocupação a nível teórico de se compreender as raízes de tal estereótipo, bem como de suas consequências nas vivências destas mulheres. Tais estudos nos dão a base para perceber a conjuntura da imigração de mulheres brasileiras para Portugal, situando tal percepção através de condições sociais, históricas, culturais, interseccionalizando gênero, classe e raça. Partindo dos estudos atuais sobre a imigração brasileira em Portugal e dos estudos sobre escrita autobiográfica e subalternidade, o presente trabalho pretende promover espaços de criação literária autobiográfica em uma das associações de imigrantes mais consolidadas no país, a Casa do Brasil de Lisboa, para mulheres brasileiras imigrantes em Portugal oferecendo a possibilidade para que algumas dessas mulheres se expressem escrevendo suas histórias de vida e vinda para Portugal. O objetivo final do projeto é que tais mulheres possam se empoderar e criar novas formas de resistência aos estereótipos através do fortalecimento de suas próprias vozes. O resultado das oficinas autobiográficas será recolhido, mediante autorização das autoras, para uma posterior publicação com revisão crítica.

Palavras chave: mulher brasileira, imigração em Portugal, empoderamento, escrita autobiográfica

Abstract: This project aims to propose workshops of autobiographical writing for Brazilian women immigrants in Portugal as a way of opening space for the recreation of their identities and resistance against the stereotype of the "Brazilian Woman" in Portugal. Biographically reviewing the theme of Brazilian female immigration in Portugal, there is a great theoretical concern to understanding the roots of this stereotype, as well as its consequences in the experiences of these women. These studies give us the basis to understand the scenario of immigration of Brazilian women to Portugal, situating such perception through social, historical, cultural, intersectionalising gender, class and race. Based on current studies on Brazilian immigration in Portugal and studies on autobiographical writing and subalternity, the present project intends to promote spaces of autobiographical literary creation for Brazilian women in one of the most consolidated immigrant associations in the country, the Casa do Brasil de Lisboa, offering the possibility for some of these women to express themselves by writing their life stories and experiences in Portugal. The ultimate goal of the project is for such women to be empowered and to create new forms of resistance to the stereotypes by strengthening their own voices. The results of the autobiographical workshops will be collected with the authorization of the authors for a later publication with critical review.

Keywords: brazilian woman, immigration in Portugal, empowerment, autobiographical writing

1. Introdução	1
1.1. <i>Contextualização do projeto</i>	4
1.2. <i>Metodologia</i>	5
1.3. <i>Objetivos</i>	6
2. A imigração brasileira em Portugal	8
2.1. <i>Gênero na imigração</i>	10
2.2. <i>Construção do imaginário "Mulher Brasileira"</i>	13
2.3. <i>Os impactos dos estereótipos</i>	19
2.4. <i>A Casa do Brasil de Lisboa como espaço de acolhimento para o projeto</i>	23
3. Escrita autobiográfica feminina e subalternidade	27
3.1. <i>Escrita autobiográfica no feminino</i>	29
3.2. <i>Escrita de si no contexto migratório e construção de subjetividades</i>	31
4. Oficinas de escrita autobiográfica como espaço de recriação identitária	34
4.1. <i>Oficinas de escrita e emancipação</i>	35
4.2. <i>Proposta de implementação das oficinas</i>	36
Considerações Finais	38
Referências bibliográficas	39
Anexo A	43
Anexo B	55
Anexo C	56
Anexo D	60

1. Introdução

Este trabalho de projeto se insere na componente não-letiva do Mestrado em Estudos sobre as Mulheres - As mulheres na Sociedade e Cultura, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade Nova de Lisboa. Tal projeto visa, de acordo com o estipulado por esta Faculdade, a "Conceção e desenvolvimento pelo estudante de uma aplicação original dos conhecimentos e competências adquiridas à satisfação de fins sociais, culturais e/ou económicos identificados".

De acordo com os dados mais recentes do SEF (2015), a nacionalidade brasileira mantém-se como a principal comunidade estrangeira residente em Portugal. Este Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo do SEF aponta que há uma maior predominância do sexo feminino de origem geográfica da América, África e União Europeia, e que dentre os principais motivos dessa imigração estão o reagrupamento familiar e a redução do quantitativo de residentes masculinos. Segundo Beatriz Padilla em um estudo sobre a Imigração Brasileira em Portugal para o Observatório de Imigração, além das análises quantitativas sobre a imigração brasileira em Portugal em uma perspectiva de gênero, é importante também analisar a componente da etnicidade, levando em conta a forma como as brasileiras são percebidas em Portugal e os entraves que enfrentam por causa desta questão. Padilla acredita que não se pode estudar o tema da imigração da mulher brasileira em Portugal sem perceber o quanto os estereótipos de serem "calorosas, exuberantes e fáceis", dentre outros, nomeadamente o da prostituição, podem interferir negativamente em suas experiências de imigração.

Identificando o estereótipo "Mulher Brasileira" em Portugal como um problema social, este projeto pretende, através da criação de oficinas de escrita autobiográficas para imigrantes brasileiras na Casa do Brasil de Lisboa, proporcionar uma via para tentar colmatar tal problema do ponto de vista de gênero, imigração, recriação identitária e emancipação. Percebe-se este estereótipo como sendo uma estigmatização do imigrante brasileiro - neste caso específico, da mulher brasileira - composta pelo passado colonial e pelas diferentes vagas de imigração de brasileiros e brasileiras para Portugal, além outros elementos que serão explorados no decorrer

deste trabalho, o lusotropicalismo, as implicações do fluxo turístico, o contato com as telenovelas brasileiras a partir do 25 de Abril, etc.

A partir de perspectivas interdisciplinares advindas da Sociologia, Antropologia, Migrações e Estudos Pós-coloniais, em sua grande maioria, é possível notar que muitos dos trabalhos teóricos buscam compreender o que leva as brasileiras a serem subjetivadas de maneira tão peculiar em Portugal. Este trabalho, portanto, pretende posicionar a questão a partir de um olhar feminista, não-essencializador e não-hegemônico sobre a situação da imigração brasileira feminina em Portugal. O campo da sociologia oferece pistas sobre a construção social estereotipada, como por exemplo, a tese de doutoramento em Sociologia de Mariana Selister Gomes, que explora um imaginário "Mulher Brasileira" em Portugal que supõe que todas as mulheres brasileiras imigrantes em Portugal possam estar sujeitas a tal imaginário. No campo da Antropologia, a tese de mestrado de Patrícia Azevedo da Silva analisa as narrativas de identidade e reconstrução de subjetividades em mulheres brasileiras na região metropolitana de Lisboa. A autora observou que o estereótipo não necessariamente paralisa tais mulheres, mas que elas reagem como podem em uma tentativa de subverter a situação que as inferioriza através da manipulação dos próprios estereótipos. Silva propõe que, através de processos variados e mesmo que simbolicamente, estas mulheres conseguem sair desta "cápsula de vitimização" e podem manipular sua vulnerabilidade através de uma espécie de jogo que acontece nos hiatos de categorias que atravessam suas construções identitárias, como por exemplo, classe social e raça.

A escrita autobiográfica no feminino será a ferramenta utilizada enquanto forma de construção e reconstrução das identidades e subjetividades neste contexto de imigração. A ideia de propor oficinas de escrita autobiográfica surge da busca por uma compreensão de como acontecem tais "hiatos" citados por Silva, além de proporcionar formas de emancipação e resistência que ultrapassem os estereótipos para as mulheres brasileiras perante as essencializações que sofrem em Portugal. Um dos principais intuitos dessas oficinas é alcançar mulheres brasileiras de todas as classes e raças, de modo que pretende-se que as oficinas sejam gratuitas para as participantes. O lugar de eleição para o desenvolvimento de tais oficinas é a Casa do Brasil de Lisboa, uma consolidada instituição de apoio à imigração brasileira em Lisboa. A instituição oferece uma variedade de atividades culturais e de apoio à imigrantes, como eventos musicais e gastronômicos, debates políticos, lançamentos

literários, e também apoio psicológico e jurídico. Pretende-se entrevistar representantes da Casa do Brasil para compreender de que forma as oficinas poderão ser aplicadas levando em consideração a estrutura e as preocupações da instituição. Tendo em conta os limites do que se pode alcançar com uma oficina em um ambiente deste porte, o projeto é pensado para uma escala local podendo ser ampliado posteriormente. É sabido que a aplicação do projeto em uma escala local poderá não ser efetiva em relação a ideia de alcançar o maior número de brasileiras possível, inclusive a nível social e de alfabetização. Entretanto, acredita-se que a escala local possa proporcionar o aperfeiçoamento do modelo das oficinas, oferecendo uma visão mais aproximada de suas falhas e oportunidades de melhoria. A princípio, as oficinas contarão com 3 aulas de 2 horas de duração divididas em 3 semanas e deverão contar com um número de dez participantes cada, compreendendo imigrantes brasileiras de idades variadas que estejam a viver em Lisboa. Não há restrição da idade, pois compreende-se que as experiências e percepções podem variar consoante a mesma e pretende-se que o trabalho possa abranger um número variado de histórias de vida de brasileiras em Portugal. Pretende-se ainda convidar escritoras brasileiras e/ou portuguesas residentes em Lisboa que exploram a autobiografia em seus percursos profissionais para compartilharem suas experiências com as participantes das oficinas. Acredita-se que a relação com outros textos autobiográficos escritos por mulheres pode se mostrar profícua e inspiradora.

A escrita autobiográfica também será, neste projeto, uma tentativa de responder à famosa questão proposta por Gayatri Chakravorty Spivak: Pode o subalterno falar? Além de dar voz às brasileiras em Portugal, este projeto pretende ser um esforço para que a voz destas mulheres ecoe como uma outra gramática, um novo léxico para se perceber as histórias de vidas das mesmas neste país vistas e revistas por elas mesmas. Em seu artigo "Escrita autobiográfica e construção subjetiva", Leônia Teixeira pontua que podemos considerar a fala dos sujeitos como espaço de articulação e memória e história ao relacionar histórias individuais de vida com a história da sociedade. É essencialmente o que se pretende com este trabalho.

1.1. Contextualização do projeto

Este trabalho de projeto busca compreender a forma como as mulheres brasileiras imigrantes em Portugal conseguem formular suas próprias histórias perante este contexto social e cultural permeado pelo estereótipo supracitado. A proposta de oficinas de escrita autobiográfica visa proporcionar formas de emancipação e resistência para as mulheres brasileiras em Portugal. Ao escrever sobre a própria história, os sujeitos podem se compor num espaço em que se sentem fortes, donos da própria narrativa, longe do sentimento de serem estereotipados pelo olhar do outro. As oficinas pretendem uma desconstrução do imaginário sobre mulheres brasileiras e uma tentativa de fazer com que cada uma das brasileiras participantes se constitua para além dos estereótipos. Como elas se veem? Como querem ser vistas?

Pretende-se fazer uso da autobiografia enquanto construção e reconstrução de identidade e subjetividade num contexto de imigração. Não se pretende aqui esmiuçar as possíveis categorizações do gênero autobiográfico, apenas se utilizar de suas possibilidades reflexivas e críticas. Um contexto de imigração invariavelmente constitui um momento de acerto de contas: o sujeito precisa ajustar as expectativas relativas à mudança com a realidade encontrada. Esse acerto de contas consiste em uma ressignificação subjetiva, social e cultural. A escrita feminina autobiográfica pode funcionar como uma forma de preencher a lacuna que as diferenças de gênero podem causar na maneira que as mulheres se veem a si mesmas.

A escolha por oficinas de escrita autobiográfica deverá servir ao propósito de permitir que tais mulheres elaborem a partir de questões específicas relacionadas às suas vivências em Portugal. Ressalto também que o intuito dessas oficinas é alcançar mulheres brasileiras de todas as classes e raças, de modo que pretende-se que as oficinas sejam gratuitas e oferecidas por associações culturais, feministas e/ou voltadas para a assistência de imigrantes.

É importante compreender as nuances que cada mulher escolhe dar às suas histórias de vida e o papel que seus contextos possam ter na forma como contam estas histórias. Para tal, é importante conduzi-las para perceber de que forma se conta uma história autobiográfica que acontece em um contexto específico -- o de serem mulheres brasileiras imigrantes em Portugal. Sugerem-se algumas questões para

orientá-las na condução dessa história: Por que Portugal? Como se deu a percepção da existência do estereótipo "Mulher brasileira"? Como lida com estas questões na vida cotidiana? Como esse imaginário interfere em suas relações afetivas (aqui inclui-se também questões de sexualidade) e profissionais? Como a língua se manifesta de forma a reforçar tal estereótipo? Quais mecanismos conscientes são empregados para combater possíveis situações advindas destes preconceitos? Como a relação com outras mulheres brasileiras na mesma situação pode ajudar ou prejudicar suas vivências?

Mas mais importante ainda do que orientá-las a se perceberem enquanto mulheres brasileiras em Portugal, pretende-se incentivá-las a contar suas histórias para além da relação com o estereótipo e o país em que vivem. É essencial que elas se sintam livres para contar quem são?, por que estão cá?, quais são seus maiores sonhos e desejos? É a partir da liberdade para expressar tais sentimentos em forma escrita que podemos vislumbrar um outro lugar para essas mulheres, um espaço em que essas mulheres são as mulheres que desejam ser, as mulheres que vieram do outro lado do oceano trazendo seus sonhos, que aprenderam a viver em uma nova cultura e agora querem se ver sem a interferência da violência dos estereótipos, com a possibilidade de falarem e serem ouvidas, de se recriarem e se enxergarem à luz de suas próprias ficções.

1.2. Metodologia

A metodologia utilizada neste projeto constará de três etapas. A primeira será uma breve revisão narrativa da literatura sobre o tema de forma a dar uma compreensão teórica sobre o que já se foi estudado acerca da imigração de mulheres brasileiras para Portugal, nomeadamente artigos, teses e dissertações. Um segundo passo será também uma revisão bibliográfica sobre o papel da escrita autobiográfica na recriação identitária de imigrantes, seguido de recolha de informações sobre as atividades realizadas na Casa do Brasil de Lisboa, além de uma entrevista exploratória com representantes que possam informar sobre as probabilidades da realização de oficinas no local. A seguir a essa coleta de dados com a Casa do Brasil, o projeto detalhará um modelo de como funcionarão as oficinas de modo a atingir os objetivos propostos. Contou-se também com a realização de um questionário online

para medir o interesse na participação das oficinas. Conforme mencionado, os textos resultantes serão recolhidos mediante autorização das autoras para uma posterior publicação com revisão crítica.

1.3. Objetivos

Este projeto tem como objetivo fazer um conjunto de propostas em torno da construção de oficinas de escrita autobiográfica de modo a que estas possam:

1) Explorar as formas de resistência utilizadas por estas mulheres, tentando aqui formar um corpus que ilustre o processo de agenciamento das mesmas frente ao contexto de opressão social;

2) Propor uma desconstrução do imaginário sobre mulheres brasileiras para as mesmas e uma tentativa de fazer com que cada uma das brasileiras participantes se constitua para além dos estereótipos. Como elas se veem? Como querem ser vistas?

3) Ao escreverem sobre a própria história, essas mulheres podem se compor num espaço em que se sentem fortes, donas da própria narrativa, longe do sentimento de serem estereotipadas pelo olhar do outro;

4) Ajudar a compreender as nuances que cada mulher escolhe dar às suas histórias de vida e o papel que seus contextos possam ter na forma como contam estas histórias. Para tal, é importante conduzi-las para perceber de que forma se conta uma história autobiográfica que acontece em um contexto específico - o de serem mulheres brasileiras imigrantes em Portugal. Sugerem-se algumas questões para orientá-las na condução dessa história: Por que Portugal? Como se deu a percepção da existência do estereótipo "Mulher brasileira"? Como lida com estas questões na vida cotidiana? Como esse imaginário interfere em suas relações afetivas e profissionais? Como acredita que a língua se manifesta de forma a reforçar tal estereótipo? Quais mecanismos conscientes são empregados para combater possíveis situações advindas destes preconceitos? Como a relação com outras mulheres brasileiras na mesma situação pode ajudar ou prejudicar suas vivências?;

5) Incentivá-las a contar suas histórias para além da relação com o estereótipo e o país em que vivem. É essencial que elas se sintam livres para contar quem são?, quais são seus maiores sonhos e desejos? É a partir da liberdade para

expressar tais sentimentos em forma escrita que podemos vislumbrar um outro lugar para essas mulheres, um espaço que possibilita a abertura de novas posições e onde essas mulheres podem articular as mulheres que desejam ser.

6) Este projeto pretende, por fim, ser visto como uma ferramenta positiva, um campo fértil de criação onde o passado é revisto perante o presente para uma ampliação das possibilidades futuras de plenitude para as mulheres participantes.

Ao final das oficinas, os textos resultantes serão recolhidos mediante autorização das autoras para uma posterior publicação com revisão crítica.

2. A imigração brasileira em Portugal

*"O brasileiro que faz a experiência real de Portugal compreende melhor,
não o seu presente, mas o seu passado."*

Eduardo Lourenço

Para atingir os objetivos deste projeto, considera-se importante a contextualização do cenário da imigração brasileira em Portugal de modo a clarificar suas especificidades e pontuar os problemas sociais que decorrem deste processo. Alguns dos fatores que impulsionam a vinda de imigrantes brasileiros e brasileiras todos os anos para Portugal são: a suposta relação amigável entre Brasil e Portugal, a partilha do idioma e a busca por uma vida melhor no continente europeu, além uma possível forma de entrada no mesmo. Após a sua chegada, passam a notar a força dos estereótipos negativos, e a forma como todos os brasileiros estão subjetivados pelas construções dos portugueses sobre os brasileiros. Para uma melhor compreensão da situação descrita, este capítulo pretende detalhar alguns dos pontos acerca da imigração brasileira em Portugal a partir de dados estatísticos do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) e dados secundários.

A imigração brasileira tem presença significativa em Portugal: os dados mais recentes do SEF contabilizam que é a nacionalidade com maior contingente de imigrantes neste país. Segundo o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo organizado pelo SEF em 2015, "a nacionalidade brasileira, com um total de 82.590 cidadãos, mantém-se como a principal comunidade estrangeira residente. A diminuição do número de residentes desta nacionalidade (4.903) representa cerca de 75,9% do decréscimo total de estrangeiros residentes em Portugal; Como principais fatores explicativos, concorrem a aquisição da nacionalidade portuguesa, a alteração de fluxos migratórios e o impacto da atual crise económica no mercado laboral". Ainda de acordo com o Relatório, a distribuição por gênero situa-se em 51,5% do sexo feminino e 48,5% do sexo masculino, "a distribuição por género, atenta a origem geográfica, tem maior predominância do sexo feminino – Outros da Europa, América e África. Como fatores explicativos enunciam-se o reagrupamento familiar e a redução do quantitativo de residentes do sexo masculino". Apesar do decréscimo

notado no ano de 2015, é importante observar que a imigração brasileira para Portugal tem se mantido a mais expressiva dentre as demais nacionalidades nos últimos anos.

O processo de imigração brasileira em Portugal é caracterizado, atualmente, por duas importantes vagas, dos anos 1980 até meados de 1990 - marcada pela presença de profissionais qualificados (dentistas, informáticos, publicitários, dentre outros); e de 1990 até os dias de hoje, marcado por uma diferente exigência do mercado português, que nesta altura precisa de profissionais habilitados para o setor terciário, mais especificamente na construção civil, restauração e limpezas. Este movimento vem principalmente de países do Leste Europeu, PALOP e Brasil, que passam a exportar mão-de-obra como parte do fenômeno da globalização, modernização da economia e flexibilização das relações de trabalho (Sassen, 1998 apud. Malheiros, 2007). É importante notar, no caso específico da imigração brasileira que há em Portugal facilitadores para este processo, nomeadamente as relações pós-coloniais, tais como a língua, proximidades de costumes, além de políticas de amizade e cooperação entre os dois países.

Neste contexto da segunda vaga e do crescimento do fluxo migratório, passa-se a observar, também, um crescimento na dificuldade de inserção profissional de imigrantes e um aumento das tensões decorrentes da estereotipificação negativa dos brasileiros. De acordo com Malheiros (2007), "a forte presença de jovens vem provocando pressões num mercado em transformação, onde as exigências de qualificação profissional se tornam cada vez maiores, gerando manifestações de xenofobia, antes desconhecidas dos imigrantes brasileiros lá residentes". Acredita-se que para a compreensão de tais manifestações de estereótipos negativos, é também importante fazer um recuo histórico que apreenda a relação entre os dois países. Segundo Silva e Shiltz em Malheiros (2007), os fatos do passado "permitem perceber a história muito específica do nascimento daquilo que viria a ser a nação brasileira e, também, o quadro em que se foram construindo as relações entre Portugueses e Brasileiros". Tais questões serão abordadas neste capítulo, de forma a compor uma percepção dessas relações e dos impactos nas vivências dos imigrantes brasileiros em Portugal, mais especificamente das mulheres brasileiras.

Ainda se faz necessário incorporar dados sobre a imigração brasileira em anos recentes em decorrência da crise econômica e política instaurada no Brasil.

Informalmente e em artigos midiáticos, pode-se notar um novo fluxo de brasileiros qualificados e com alto nível de escolaridade que busca Portugal para viver. O idioma e o ligeiro crescimento econômico notado em Portugal nos anos recentes, além da política de vistos *Gold*, passam a ser facilitadores para a constituição de uma possível nova vaga de imigração de brasileiros para o país - dados que precisam ser formalizados e estudados futuramente, nomeadamente em relação ao impacto que podem causar a nível social, econômico e político em ambos os países.

2.1. Gênero na imigração

Este trabalho tem como foco a imigração brasileira feminina em Portugal, pois se percebe que suas especificidades têm consequências sociais problemáticas e portanto devem ser estudadas nos diversos campos das Ciências Sociais e Humanas. De acordo com Policarpo e Costa (2011), a imigração, tradicionalmente masculina, passa a se feminizar a partir da década de 70 no contexto da globalização, e é cada vez maior a quantidade de mulheres que emigram a solo ou em contextos familiares. Estas mulheres são de diversas raças, classes sociais, níveis de escolaridade e acabam por ocupar postos de trabalhos menos qualificados na sociedade de acolhimento. Ainda segundo as autoras, esse processo acaba acentuando as desigualdades de poder que caracterizam as relações de gênero em geral.

No estudo *Imigração Brasileira em Portugal* organizado por Jorge Malheiros para o Observatório de Imigração em 2007, o capítulo "A imigrante brasileira em Portugal: considerando género na análise", é dedicado a pontuar as principais características deste processo migratório. Segundo Beatriz Padilla, "Os imigrantes têm género, pertencem a uma etnia, a uma classe social e inserem-se numa sociedade de acolhimento complexa onde geralmente o mercado laboral está estratificado, étnica e sexualmente, o que condiciona a inserção laboral destes imigrantes. Também, os imigrantes acedem a diferentes tipos de recursos, muitos deles através de redes sociais que podem vir a ser mais ou menos significativas segundo o sexo do imigrante, entre outros aspectos. Além do mais, os imigrantes são produtos duma sociedade na qual foram socializados e chegam também a uma sociedade onde existem papéis e expectativas em relação, não apenas ao imigrante como tal, mas

também ao imigrante como homem ou mulher. Desta forma, por existirem imagens, estereótipos e expectativas, e estes variarem consoante o sexo, é obvio que os *outcomes* possíveis das situações de imigração podem ser múltiplos".

Destaca-se que "no caso das Brasileiras em Portugal, evidencia-se uma tendência crescente de mulheres que emigram sozinhas ou que fazem parte duma estratégia de migração familiar, nem sempre liderada pelo marido ou o pai. Embora muitas das entrevistadas tenham migrado com o marido ou para se reunirem ao marido, trazendo os filhos, é verdade que algumas delas vieram com o marido, mas sendo elas as "responsáveis" pela decisão de emigrar". Muitas dessas mulheres buscam a emancipação -- algumas são marginalizadas na sociedade de origem, são viúvas, divorciadas ou rejeitadas por não agirem conforme padrões. Imigram para deixar para trás más experiências (Padilla, 2007). São as próprias mulheres que optam por imigrar pelos mais diversos motivos, econômicos ou não econômicos, mas com um denominador comum: a possibilidade de mudança.

O próprio nicho laboral vai definir grande parte das relações e dos fluxos imigratórios de brasileiros para Portugal, ainda conforme Padilla (2007): "Especificamente, existe em Portugal um alargado nicho laboral para imigrantes mulheres no sector da limpeza em casas particulares e no cuidado de doentes e pessoas idosas residentes em lares. Também se identificam outros nichos em sectores como a restauração e hotelaria, onde Brasileiros e Brasileiras ocupam um lugar destacado, existindo dentro deste nicho uma segmentação por sexo (a limpeza dos hotéis é feita por mulheres, assim como as refeições; o atendimento é unisexo, etc.). Por último, aparece o denominado comércio do sexo (*sex trade*) ou prostituição, no qual as Brasileiras parecem dominar o mercado, segundo as notícias dos jornais e as detenções que a GNR e o SEF realizam e são referenciadas nos órgãos de informação". A título de tipificação, é importante citar algumas das características da imigração brasileira feminina em Portugal:

Dados indicam que, na população imigrante de origem brasileira, o número de mulheres é superior ao dos homens (SEF, 2007). As mulheres imigrantes brasileiras tendem a residir maioritariamente na região de Lisboa e Vale do Tejo, seguindo-se a região do Norte e Centro (INE, 2001; Peixoto, 2006). Dados apontam no sentido de que, cada vez mais, as mulheres brasileiras emigram sozinhas e muitas enviam parte das suas remunerações para a família no Brasil (Padilla, 2007). Segundo Diniz (2004), a maioria das mulheres brasileiras provém da região do Sudeste do Brasil, contudo, tem vindo a verificar-se um aumento de imigração feminina proveniente do Nordeste. Estima-se que as imigrantes brasileiras são na sua maioria jovens

(43,7%, com idades entre 25 e 39 anos, e 20,8%, com idades entre 15 e 24 anos) e cerca de 85% encontra-se em idade activa (15-64 anos) (INE, 2001). De acordo com Diniz (2004), cerca de metade das imigrantes brasileiras em Portugal são casadas e mais de um quarto são solteiras. Relativamente ao nível educacional estima-se que uma minoria das imigrantes brasileiras não possui qualificação académica (5%), uma parte significativa possui apenas o 1.º/2.º ou o 3.º ciclos do Ensino Básico completos (23,8% e 20,2%) e cerca de 31% e 19% destas imigrantes tem concluído o ensino secundário e o ensino superior, respectivamente (INE, 2001). Na grande maioria, as imigrantes brasileiras a residir em Portugal são trabalhadoras por conta de outrem (INE, 2001) e trabalham no sector terciário, desempenham do predominantemente actividades domésticas, de restauração e de atendimento ao público (Diniz, 2004). Segundo King e Zontini (2000), o comércio do sexo é um mercado laboral onde se encontram muitas mulheres imigrantes. Em Portugal, dados apontam para que grande parte das mulheres a trabalhar neste nicho de mercado sejam brasileiras (Padilla, 2007).

Pode-se dizer, segundo Padilla (2007), que, no caso de Portugal, os brasileiros possuem uma "etnicidade própria", sendo esta uma das principais marcas da imigração brasileira neste país: os brasileiros em Portugal não passam despercebidos. E com essa forma de visibilidade, chegam também os estereótipos. Ainda conforme Padilla (2007), "existe na sociedade portuguesa a ideia de que os Brasileiros são simpáticos, como se a simpatia fosse uma qualidade inerente e quase genética. É esta simpatia que, para além da afinidade linguística, contribui para a preferência dos Brasileiros no que respeita ao atendimento em lojas, restaurantes, hotéis e outros serviços". Entretanto, os prejuízos sociais surgem a partir da ideia de que os homens brasileiros são preguiçosos e malandros e as mulheres são calorosas e fáceis. Tais imagens são quase que diariamente propagadas pela comunicação social, estando os brasileiros e brasileiras presentes em grande parte das notícias ligadas à criminalidade. Conforme pontua Padilla (2007), "entre esta imagem da brasileira calorosa e exuberante e a da prostituta vai só um passo, sendo esta analogia reforçada pelas notícias permanentes que os media transmitem. Frequentemente, vemos ou ouvimos notícias sobre a quantidade de prostitutas brasileiras detidas em rusgas, mesmo que sejam ou não alvos de tráfico ilegal de pessoas, e a sociedade fica com a ideia da proeminente participação das brasileiras na prostituição nacional, o que acaba por reforçar ainda mais a relação entre estas e a indústria do sexo".

A partir destas caracterizações, passamos a compreender melhor a situação social e económica das brasileiras imigrantes em Portugal, e que estando em Portugal, são submetidas e subjetivadas pelos estereótipos a elas atribuídos. A seguir, pretende-

se explorar de que forma esses estereótipo é construído e como pode impactar nas vivências dessas mulheres.

2.2. Construção do imaginário "Mulher Brasileira"

A partir de diversos estudos realizados em torno dos processos de imigração de brasileiras para Portugal, pode-se concluir que as imagens sobre o Brasil são fortemente associadas pela ideia de mulheres hipersexualizadas, ou seja, sensuais, dotadas de uma corporalidade específica, exuberante, além de serem vistas como alegres, cordiais e simpáticas (Dolabella, 2015; Gomes, 2013; França, 2010; Malheiros, 2007; Padilla, 2007). Segundo Dolabella (2015), os processos da imigração de brasileira para Portugal são "permeados por essencializações e estereótipos, muitas vezes inferiorizantes, que reatualizam o imaginário colonial sobre a mulher brasileira e reconfiguram as relações de poder estruturais e subjetivas que operam nesse terreno".

Em sua tese de doutoramento intitulada "O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação", Mariana Selister Gomes (2013) conclui que as mulheres brasileiras são vistas como "corpo colonial" em Portugal, na medida em que são definidas, essencializadas e estigmatizadas através de características atribuídas desde o colonialismo histórico, relacionadas com a hipersexualidade. O argumento central de sua tese consiste em "afirmar que: não sendo substantivo, nem essencial, "Mulher Brasileira" é, antes de tudo, uma construção social, discursiva e performática, imersa em relações de poder históricas e em modos de subjetivação sempre reconstruídos" (Gomes, 2013).

Um dos elementos da construção dos estereótipos passa pela ideia do luso-tropicalismo, a quase-teoria desenvolvida pelo cientista social brasileiro Gilberto Freyre que tem um papel fundamental na propagação da noção que a colonização portuguesa no Brasil aconteceu em termos pacíficos e que os portugueses se "misturaram" aos brasileiros de forma romântica. O luso-tropicalismo acaba por construir uma forma específica de abordar as relações entre brasileiros e portugueses em que o corpo da mulher é centrado na hipersexualidade e na construção de seus

corpos como "corpos coloniais", "em resumo, poder-se-ia afirmar que o luso-tropicalismo consiste numa ordem discursiva, a qual argumenta que os portugueses misturaram-se sexualmente com as mulheres negras e indígenas, fundando uma civilização não racistas no Brasil. Esta crença torna-se o elemento central da identidade nacional dos dois países. (...) Seus elementos centrais são a crença de uma 'democracia racial' ou 'mestiçagem harmônica', a qual teria sido criada pelos portugueses a partir do Brasil, uma espécie de civilização luso-tropical" (Gomes, 2013, p. 63).

É possível perceber com clareza a ideia de Freyre ao demonstrar de que maneira os portugueses buscaram constituir civilizações não racistas através da miscigenação com negras e indígenas no seguinte trecho de *Casa Grande & Senzala*:

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido da aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil (Freyre, 2001: 46 apud Gomes, 2013).

É numa segunda fase ditadura salazarista, após a entrada de Portugal nas Nações Unidas que o luso-tropicalismo vem se mostrar fértil na construção de uma identidade estereotipada sobre a mulher brasileira, na medida em que se transforma o corpo da mulher brasileira um corpo disponível. Já nos tempos que correm, a questão passa a ser sustentada pela ideia de "lusofonia". Segundo Margarido (2000, apud Gomes, 2013), o discurso luso-tropical -- que construiu o imaginário de "civilização portuguesa nos trópicos", que carrega o mito da colonização portuguesa benevolente, do não racismo e da mistura racial-sexual -- é atualmente reconstruído e mantido pela lusofonia. (...) No mesmo sentido, entende-se que essa manutenção do luso-tropicalismo através da lusofonia, atualiza o imaginário colonial de "mulata", "mulher brasileira", "mulher colonial".

O corpo está frequentemente presente na literatura sobre a imigração brasileira em Portugal. Gomes (2013, p. 43 e 44) situa a perspectiva foucaultiana de que parte Judith Butler sobre a sexualidade como construção e avança na perspectiva *queer* ao demonstrar que a sexualidade ocidental é construída a partir da norma

heterossexual. Segundo Butler, o corpo não é anterior ao discurso sobre o corpo; o corpo é uma construção cultural, permeada de relações de poder, limitada pelos marcadores sociais (também construídos) como corpo feminino e masculino. Neste ponto, é importante citar um trecho da pesquisa de Machado inserida na Coleção Comunidades - Imigração Brasileira em Portugal organizada por Jorge Malheiros para o Observatório de Imigração em 2007:

Uma idéia muito repetida é a de que os Brasileiros, ao contrário dos Portugueses, têm consciência maior do corpo, são menos fechados em relação aos círculos de convivência, menos bitolados e mais criativos. O corpo é um objeto de materialização cultural, através de movimentos apreendidos, de gestualidades, danças, de expressão de emoções e de exercício da sexualidade. Toda a imagem sobre o Brasil, seja por parte de Brasileiros ou de Portugueses, é marcada pela idéia de um corpo brasileiro, de uma corporalidade específica, mais sensual, mais flexível, mais doce, mais malandra, mais feliz. Idéias que são sempre exemplificadas pela ginga do jogador de futebol, pelo "jogo de cintura" das prostitutas brasileiras. A construção de um corpo, de uma forma de estar e agir, movimentar, olhar, pegar, é fundamental na construção de uma identidade ou de uma cultura. No caso de Brasileiros ela é implacavelmente evidente. (Machado, 2007)

Segundo Fernandes (2013), "este processo de sexualização da mulher imigrante brasileira está associado tanto a sua condição de imigrante, particularmente frágil por pertencer a uma classe econômica subalterna e a um grupo étnico-nacional considerado exótico, periférico, racializado. Além disso, o fato de ser brasileira, portanto, oriunda da cultura do Carnaval, da sexualidade, do culto ao corpo e também da pobreza, da violência e do subdesenvolvimento. Muito mais que simples adição de fatores, trata-se da sobreposição de marcadores sociais de exclusão que reforçam uma posição social subordinada e sexualizada. São estatutos de gênero, classe e nacionalidade desvalorizados e essencializados que interferem nos planos afetivos e profissionais das brasileiras imigrantes". Numa perspectiva feminista e pós-colonial, estuda-se que a diáspora tem efeito de produzir identidades e o corpo existe num universo socialmente mediado - o corpo colonial se insere num sistema opressor que divide as mulheres das colônias das mulheres colonas entre "Evas" e "Marias". As mulheres brancas europeias são construídas como Marias/mães/esposas/virgens e as indígenas, negras ou mestiças das ex-colônias são construídas como Evas/pecadoras/prostitutas (Stolke, 2006 apud Gomes, 2013). As colonizadas, por terem os corpos disponíveis, são as evas, as tentadoras do pecado nos homens. Seus corpos são vistos como disponíveis para práticas sexuais não-de reprodução, enquanto que as mulheres europeias, as "Marias", mantinham-se virgens para os maridos e suas práticas sexuais se davam quase que somente para fins reprodutivos.

Ainda de acordo com Dolabella:

As teorias feministas pós-coloniais surgiram no âmbito da necessidade de novos olhares sobre o gênero mais inclusivos e que ultrapassassem perspectivas ocidentais homogeneizantes e universalizantes da categoria "mulher". Partindo das influências inevitáveis que as situações coloniais e imperiais exercem sobre indivíduos ao redor do mundo, essas teorias buscam analisar diferentes realidades através da ênfase nas diferenças históricas, sociais e culturais que posicionam os sujeitos em sistemas hierarquizados de classificações. Isso é dizer que as estruturas sociais transnacionais e locais produzem condições e experiências distintas para homens e mulheres em diferentes tempos e lugares. Passa-se a tomar o gênero associando-o às ordens da raça, da classe e da sexualidade na medida em se reconhece que essas ordens constituem os princípios básicos que configuram os processos de interações humanas. São princípios que não só afetam as experiências subjetivas dos indivíduos, mas também influenciam a formação e o funcionamento das instituições sociais (Chow, 1996). Contudo, só é possível analisar as relações de poder que emergem desse contexto a partir do papel central que a raça assume nesses processos, uma vez que ela é determinante na produção e reprodução das desigualdades e subordinação, principalmente em contextos pós-coloniais (cf. Brah, 1996; Cho; Crenshaw; McCall, 2013). (Dolabella, 2015).

Um dos outros elementos essenciais na compreensão das características da imigração brasileira em Portugal é a manutenção dos estereótipos de um imaginário "Mulher Brasileira" que acontecem nos âmbitos da Comunicação Social e da Cultura. Os trabalhos de Isabel Ferin Cunha evidenciam a influência das telenovelas brasileiras em Portugal e "sua reprodução em Portugal do que já é criticado e analisado no Brasil: a construção da mulher nas telenovelas brasileiras em torno da beleza, da sensualidade e do erotismo". Em seus artigos, Cunha também destaca o papel da imprensa portuguesa na perpetuação do estereótipo da brasileira imigrante prostituta ao privilegiar notícias da imigração da mulher brasileira em contextos de prostituição.

Neste íterim, é importante destacar o artigo "Representações da diferença: a mulher brasileira migrante na mídia impressa da Europa", de Danúbia de Andrade Fernandes que, embasada na metodologia dos Estudos Críticos do Discurso, aponta para o papel da mídia europeia na representação dos sujeitos imigrantes enquanto "o outro" e as relações entre discurso e poder. Em sua análise, Fernandes conclui que "as representações negativas do migrante no jornalismo atuam nas práticas cotidianas de modo a desqualificar aprendizados e valores morais e assim a desqualificar *pessoas*". Para a autora, o modo recorrente em que "as mulheres brasileiras são descritas por seus aspectos físicos, mesmo nos casos em que são fontes de temas diversos, como

música, arte, literatura ou política", influencia negativamente suas vivências nos países de acolhimento.

Em Portugal, as telenovelas brasileiras passam a ser exibidas após o 25 de Abril e, naquele momento, são sinônimo de abertura política e possível emancipação para a mulher portuguesa. Mas as novelas acabam por contribuir visibilidade e reforçam a construção do imaginário "Mulher Brasileira", principalmente a ideia de hipersexualização, pois apesar de abrirem uma janela aos cotidianos, hábitos e costumes dos brasileiros, mostra também comportamentos sociais e sexuais diferentes dos portugueses. A discussão sobre a sensualidade exacerbada das mulheres (não só no Brasil, mas também nos trópicos) abre espaço para novos valores e padrões estéticos e causa uma ruptura com os modelos/estereótipos tradicionais da sexualidade e da sensualidade das mulheres portuguesas (Cunha, 2003). Segundo a autora:

Há décadas que este produto vinha sendo anunciado pelas telenovelas em corpo inteiro, através de recursos técnicos e cênicos que valorizam corpos fisicamente perfeitas, ao mesmo tempo que encenam personagens femininas de grande força psicológica sublinhadas por caracterizações redundantes, próximas dos estereótipos. Nestas estórias — de fluxo contínuo, elaboradas em torno de um conjunto de intrigas — lindas mulheres lutam por amor e transpiram sensualidade e sedução na conquista do seu amado e da sua posição em cenários coloridos deslumbrantes, iluminados pelo sol, ou pela lua, dos trópicos (Cunha, 2005).

O corpo da mulher brasileira é retratado de forma que se valorizem corpos fisicamente perfeitos, ao mesmo tempo em que encenam personagens femininas de grande força psicológica com caracterizações que se aproximam do estereótipo. Segundo Cunha sobre a novela *Gabriela Cravo e Canela*:

Gabriela, Glorinha, Malvina, Jerusa, Maria Machado e as meninas do Bataclã apresentam, não só novos modelos estéticos de mulher, como éticas de comportamento feminino, fundados na valorização das características físicas e intelectuais, mensagens que as mulheres portuguesas, sobretudo as adolescentes e mais jovens, irão copiar, não só no comportamento como nos penteados e nas roupas (Cunha, 2003).

Como pontua Cunha, "a exibição, durante mais de vinte anos, de telenovelas brasileiras acompanhou os percursos de emancipação da mulher em Portugal, oferecendo-lhes novos modelos de comportamento, família e sexualidade, e propondo-lhes, em simultâneo, esclarecimentos úteis para a resolução de problemas

afectivos e materiais do cotidiano". Este efeito positivo acaba por ser mascarado pelo efeito negativo que é a atualização da diferenciação entre "Evas" e "Marias", sendo as brasileiras das novelas a imagem do que as portuguesas não poderiam se considerar, tendo em conta o contexto português de muita repressão social e política.

Ainda em se tratando da perspectiva midiática sobre a imigração brasileira para Portugal, é importante também pontuar o caso das "Mães de Bragança" como um exemplo da reprodução e reforço dos estereótipos por parte da mídia internacional e portuguesa. De acordo com Gomes (2013), "o assunto explodiu depois da publicação de uma notícia na Revista Times-Europe, a qual apresentava um grupo de mulheres portuguesas, designadas como 'as mães de Bragança', que culpavam as prostitutas brasileiras por roubarem os seus maridos. Neste episódio, as mulheres brasileiras foram construídas como as pecadoras, como destruidoras do lar; enquanto as portuguesas foram pensadas como as mães e esposas exemplares. Os homens portugueses foram desculpabilizados e até mesmo considerados vítimas das mulheres brasileiras sedutoras". São casos como o das "Mães de Bragança" que fortalecem a imagem da mulher brasileira de maneira negativa e muitas vezes condicionam as formas de integração entre as imigrantes e a sociedade de acolhimento.

Além disso, é importante citar o papel do Turismo como produtor de imaginários, segundo Aoun (2001, apud Gomes, 2013), "as viagens turísticas são muitas vezes motivadas pela busca do paraíso. Conforme o autor, o marketing passou a reconstruir imaginários coloniais de paraíso para motivar os novos viajantes europeus (os turistas) a deslocarem-se para as antigas colônias e, assim, gerar fluxo turístico e desenvolvimento econômico".

É importante pontuar que o marketing turístico público no Brasil, através da EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo), passa a agir como um dos produtores do imaginário da mulher brasileira enquanto exótica, construindo, durante a Ditadura Militar no Brasil, a imagem de um Brasil onde a harmonia racial impera, reforçando a identidade nacional em torno de ideias como mestiçagem/sexualidade/paraíso (Gomes, 2013). Tal percepção passa a ser reavaliada nos planos mais recentes da EMBRATUR, nomeadamente o Plano Aquarela, iniciado em 2005, que, por pressão de movimentos sociais, deixa de lado o uso das imagens de corpos de mulheres e adota uma identidade visual que apresenta um Brasil que, segundo Gomes (2013), "não quer mais mostrar-se exótico-erótico, pretende tornar-se uma potência

emergente, um país moderno, mantendo sua brasilidade". A autora prossegue destacando que mesmo essa diversificação da imagem do Brasil por parte dos órgãos oficiais de Turismo não é o bastante para substituir os antigos imaginários coloniais acerca do Brasil.

Para concluir, a tese de Gomes se torna fulcral para a percepção da problemática da mulher brasileira imigrante em Portugal, pois além de evidenciar a importância dos estudos sobre o tema serem feitos à luz de uma relação de poder que subjetiva as mulheres, é bastante detalhada e descritiva na forma como essa subjetivação acontece. Em sua tese, Gomes aponta para três maneiras diferentes em que tais mulheres podem lidar com este imaginário hegemônico, ressaltando que a mesma mulher pode adotar diferentes formas de subjetivação em contextos diferentes:

A primeira forma de subjetivação foi denominada de Resistência Passiva, a qual seria a resistência que parece resignação: quando uma mulher identificada como brasileira aproxima-se do discurso português, afastando-se do que é considerado brasilidade, ou afastando-se de outras brasileiras; essa "aportuguesação" era interpretada por outras pesquisas como uma rejeição do estereótipo, no entanto, a investigação articulada entre saber-poder-subjetivação, complementou as análises anteriores, demonstrando que é uma rejeição a nível individual, mas uma reprodução da ordem discursiva hegemônica a nível coletivo. A segunda forma de subjetivação foi identificada como Resistência Afirmativa, a qual seria a reversão do discurso hegemônico a partir da valorização daquilo que é inferiorizado, seria uma exaltação da brasilidade. Esta valorização da brasilidade era interpretada pela literatura como internalização do estereótipo ou busca de benefícios a partir do estereótipo. No entanto, a análise conjunta do saber-poder-subjetivação, bem como, a pesquisa empírica com mulheres ainda não pesquisadas (bailarinas de ritmos brasileiros), demonstrou que não há um simples beneficiar-se do estereótipo e reproduzi-lo (enquanto agente), tampouco uma simples internalização (enquanto vítima); mas sim, há uma ressignificação do discurso hegemônico, uma ruptura em alguns elementos, notadamente aqueles que as inferiorizam (e as tornam vítimas), para, então, beneficiar-se (tornando-se agente). A terceira forma foi denominada de Resistência Combativa, a qual consiste na tentativa de desconstrução do discurso hegemônico, na possibilidade de outras definições identitárias. Esta forma de reagir estava praticamente ausente da literatura sobre mulheres brasileiras imigrantes e foi evidenciada através do enfoque nas ativistas feministas, mas também se revelou em outras brasileiras, através de uma resistência combativa cotidiana. (Gomes, 2013)

2.3 Os impactos dos estereótipos

A forma como estes estereótipos afetam as vivências das imigrantes brasileiras podem ser percebidas de diversas maneiras, seja nas categorias

profissionais em que muitos dos brasileiros em Portugal se inserem, como nas redes de apoio social e afetiva que encontram. O plano de encontrar uma vida melhor passa por etapas complexas de adaptação que podem alterar as percepções de identidade destas mulheres. Segundo Fernandes (2013), "uma situação permanentemente conflituosa pode levar à mulher a perder sua capacidade reflexiva e a aceitar a desqualificação e a humilhação como sentimentos irreversíveis de sua personalidade. Estes conflitos identitários terminam convencendo as próprias mulheres de que merecem postos de trabalho inferiores, de que são incompetentes, de que são preguiçosas, entre outros dados negativos".

Segundo Machado (2007), "o falso conhecimento oferecido pelos estereótipos é, em geral, a matéria da construção das identidades exotizadas. Assim, o processo de construção de identidades de Brasileiros em Portugal é mediado pelo conteúdo dos estereótipos presentes, tanto na matriz portuguesa quanto na brasileira, comumente no que combinam, como as imagens sobre a malandragem, a alegria e hipersexualidade".

É importante também mencionar a pesquisa de Rosário, Santos e Lima (2011) que analisa os discursos sobre racismo em Portugal através de grupos focais. A pesquisa aponta para "Os negros, brasileiros e ciganos são as categorias mais visadas pelos discursos racistas que fomos capazes de escrutinar com esta metodologia", e, especificamente em relação a brasileiras, "referências relativamente às mulheres brasileiras como sendo exuberantes e sedutoras".

A tese de Patrícia Azevedo Silva, "Para lá do Prejuízo: Análise das Narrativas de Identidade e Reconstrução de Subjectividades em Mulheres Brasileiras na Área Metropolitana de Lisboa," (2008) é possível perceber a partir das entrevistas que muitas das participantes tentam afastar-se da nacionalidade brasileira e, inclusive, tentam ocultá-la:

[...] reconhecem todavia que mudaram alguns comportamentos, sobretudo a nível da forma de vestir e do "jeito de ser". Todas admitem que muitas vezes dão por si a "policar-se para não dar motivo para ser mal falada", e isso pode querer dizer pensar duas vezes antes sequer de comprar certas roupas, ou de vestir certas roupas, ou de sair sozinha para certos lugares, ou de ser tão aberta, extrovertida, etc., ou seja, isso quer dizer uma excessiva consciência de si a toda a hora. (Silva, 2008:87).

É importante para este trabalho observar que estas noções provocam efeitos distintos na sexualidade das mulheres. Por um lado, na perspectiva colonial, as mulheres colonizadas não tinham direito ao afeto familiar e as possíveis realizações do amor romântico, uma vez que seus corpos, assim como das prostitutas, relacionam-se, no imaginário masculino e feminino do colonizador, com o amor-paixão. Para as mulheres casadas, tais corpos coloniais representavam uma ameaça à tranquilidade familiar e à manutenção de seus status, além do possível risco de doenças sexualmente transmitidas trazidas pelos maridos. Por outro lado, o lado das mulheres colonizadas, fica o estigma de corpos disponíveis e a impossibilidade de passar para o "outro lado", o das mulheres casadas, de vivenciar o amor romântico e possibilidades de constituírem famílias e terem filhos.

Além do exercício pleno da sexualidade, é também importante notar que a saúde sexual e reprodutiva das mulheres em contextos migratórios é, em sua grande maioria, fragilizada pelos contextos de vulnerabilidade nos quais muitas vezes se encontram. "Falta de oportunidades, pobreza, limitado acesso aos serviços públicos, discriminação e exposição à violência, incompreensão de suas necessidades específicas e desconhecimento de seu sistema de crenças e valores são algumas das condições que, associadas às iniquidades de gênero, aumentam a suscetibilidade das mulheres migrantes ao adoecimento" (Dias e Rocha, 2009), são questões que afetam diretamente a saúde sexual das imigrantes.

Tendo em vista que muitas dessas mulheres emigram para Portugal para melhorar de vida e pelas supostas facilidades que a língua comum podem oferecer em termos profissionais e relacionais, é importante ressaltar que muitas delas, mesmo quando conseguem alcançar alguma melhoria financeira, continuam em situações afetivas precárias, muito em decorrência das dificuldades de inserção social pelo fato de sofrerem preconceito por parte da sociedade de acolhimento. Segundo Malheiros (2007), "Observa-se também, entre esses imigrantes, a existência de laços de amizade efêmeros, nascidos em função de relações de trabalho ou pela proximidade de residência, sem que se consolidem laços duradouros de sociabilidade e/ou de solidariedade. Tal comportamento é, muitas vezes, atribuído ao facto de que "a maioria das pessoas está ali para trabalhar e não tem tempo para diversão ou passeios, assumindo uma postura egoísta e pouco solidária com relação a eventuais problemas

enfrentados por conterrâneos”. (Dalva, 25 anos, natural de Londrina, Paraná, residente há seis meses em Lisboa, que trabalhava como recepcionista de hotel.)”.

A importância da percepção da sociedade portuguesa sobre as vivências das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal é essencial para que se possa trazer o debate para a esfera pública do que a sociedade de acolhimento pode efetivamente fazer em prol da melhoria de vida dos cidadãos imigrantes. A forma como as pessoas se veem umas às outras e as imbricadas teias que formam as relações de poder podem ser fatores essenciais para a criação de atividades que possibilitem que a sociedade de acolhimento tenha contatos mais aprofundados com sua população de imigrantes e, assim, dissipe a noção pejorativa do Outro. Segundo Policarpo e Costa (2011), "(...) o facto de se conhecer pessoalmente um imigrante, ter contacto regular e aprofundado com ele, e de se avaliar o seu contributo como positivo, sobrepõe-se a essas imagens na formação da opinião a seu respeito”.

Uma das questões que parecem se impor aqui é: como se podem desconstruir discursos hegemônicos entre Portugal e Brasil de forma a que as construções acerca da mulher brasileira não prejudiquem suas vivências e projetos de imigração em Portugal? A literatura evidencia que o discurso das associações de imigrantes brasileiras em Portugal acaba por influenciar negativamente na forma como é sentido o imaginário "Mulher Brasileira" com base na escassez de atividades que instruem os imigrantes e a população local, uma vez que seu papel deveria ser o de um esforço pela integração.

O artigo "A Construção da Identidade de Mulher Imigrante Brasileira em Portugal: A Atuação de Organizações que defendem o Direito de Migrantes", de Jéssica de Cássia Rossi, de 2013, investiga a relação entre as ações da Casa do Brasil de Lisboa, e Associação Mais Brasil, localizada no Porto, e indica que ambas as associações não promovem nenhuma ação ou discussão sobre a questão de gênero que atravessa a comunidade de imigrantes brasileiros em Portugal, atitude que ajuda a manter as representações comuns ligadas às brasileiras em Portugal. Evidencia-se que pode ter havido uma evolução na abordagem ao tema, uma vez que compareci pessoalmente a uma ação de sensibilização (*Ação de Sensibilização - Migrações Brasileiras no Feminino*) no dia 15/05/2015, sendo esta a segunda ação realizada pela Casa do Brasil em Lisboa (a primeira foi realizada em 2014). A ação buscava justamente abordar o tema do preconceito sofrido pelas mulheres brasileiras em

Portugal e formas de compreender e lidar com a situação. A seguir será exposto o modelo de funcionamento da Casa do Brasil de Lisboa e o possível acolhimento deste projeto como uma forma de colmatar o problema social que vivenciam as imigrantes brasileiras em Portugal, complementando o quadro de atividades oferecidas pela Casa do Brasil e ampliando um discurso consciente das vivências destas mulheres, juntamente com o empoderamento das mesmas a partir dos relatos de suas histórias de vidas.

2.4. A Casa do Brasil de Lisboa como espaço de acolhimento para o projeto

A Casa do Brasil de Lisboa (CBL) é uma associação civil sem fins lucrativos de apoio a imigrantes. Foi fundada em 1992 por imigrantes brasileiros residentes em Lisboa e portugueses amigos do Brasil (Vianna, s/d). A CBL se posiciona como uma associação laica, apartidária, porém não apolítica, que atua como "pólo de reflexão e promoção de debates temáticos e intervém ativamente em questões relativas à política de imigração em Portugal e à luta contra o racismo e a xenofobia, entre outras" (Vianna, s/d). Com o objetivo de promover o acolhimento, orientação e exercício de cidadania para imigrantes, a CBL desenvolve inúmeras ações e atividades de apoio e encaminhamento, além de diversas atividades de âmbito cultural como aulas de dança, teatro, apresentação de livros, debates etc. Atualmente, a estrutura da Casa consiste em três gabinetes: Gabinete de Orientação e Encaminhamento (GOE), Centro de Apoio Jurídico (CAJ) e Gabinete de Inserção Profissional (GIP) e conta com cinco funcionários, além de uma rede de colaboradores.

Em entrevista presencial semi-estruturada¹ com Cyntia de Paula, mestre em Psicologia Comunitária e funcionária da CBL, apurou-se que a Casa do Brasil, apesar de um discurso consciente acerca das vivências das brasileiras em Portugal, possui atividades esporádicas voltadas a essas mulheres que normalmente estão inseridas dentro das atividades do Grupo Acolhida, conforme citado anteriormente (*Ação de Sensibilização - Migrações Brasileiras no Feminino*). Apesar da consciencialização das questões de gênero por parte dos funcionários da CBL, por questões estruturais e financeiras a associação ainda não oferece atividades regulares e frequentes para as

¹ Transcrição da entrevista apresentada no Anexo A deste trabalho.

brasileiras imigrantes em específico, podendo aqui ser notada essa uma oportunidade de inserção das Oficinas de escrita autobiográfica como parte dos quadros de atividades da Casa. Cyntia de Paula acredita que tais oficinas podem ser inseridas na oferta da Casa e complementa, "acho que um projeto desses é extremamente útil, extremamente pertinente, porque não existe nada nesse sentido ainda desenvolvido pelas associações em que tenho trabalhado nesses últimos anos"².

A CBL atualmente oferece um serviço de apoio psicossocial aos imigrantes brasileiros em Lisboa chamado "Grupo Acolhida". O grupo se reúne quinzenalmente às quartas-feiras, por duas horas, e conversa sobre as questões pertinentes às suas vivências sociais e práticas em Lisboa. Debatem-se direitos e deveres dos imigrante, questões de adaptação, códigos sociais comportamentais, leis trabalhistas e inserção no mercado de trabalho, dentre outras questões relacionadas às vivências dos imigrantes. Segundo Reis, Paula e Carneiro (2016), "O Grupo Acolhida da Casa do Brasil de Lisboa tem funcionado como um importante espaço de empoderamento para todos/as os/as participantes valorizando as suas trajetórias pessoais, aumentando as suas redes de suporte, aumentando seu conhecimento e informação dos seus deveres e direitos enquanto imigrantes residentes em Portugal e, desta forma, contribuindo para o bem-estar, o aumento da saúde mental e física de todos/as os/as participantes e sua integração no país de acolhimento".

Pontuamos aqui que a escolha pelas oficinas forma escrita tem a intenção de promover o processo de reflexão inerente da escrita, além da sensibilização por parte de quem porventura possa ler as histórias escritas por estas mulheres. Ao falar sobre a possibilidade de se reunir tais histórias para uma posterior publicação literária, Cyntia de Paula pontua, "Acho que é interessante pensarmos sobre isso, e acho que é interessante colocar as mulheres para escrever sobre isso. Eu acho que faz todo sentido, é preciso ouvi-las (...), porque apresentar um trabalho desses na sociedade portuguesa é sensibilizador. A partir do momento que nós contamos essas histórias e as pessoas podem ouvir essas histórias, nós estamos promovendo conhecimento e vai-se trabalhando essas ideias, vai-se desconstruindo... Processos de desconstrução de pensamento".

² Declaração de interesse por parte da Casa do Brasil de Lisboa na parceria para a realização deste projeto encontra-se no Anexo B.

As oficinas de escrita autobiográfica propostas neste projeto terão objetivos semelhantes aos do Grupo Acolhida, podendo também funcionar como um espaço de interação e partilha entre essas mulheres que têm em comum a migração, contribuindo para seu sentimento de pertença, além de desenvolver o sentimento de competência e utilidade social, e a criação de uma rede de suporte para o combate ao isolamento (Reis, de Paula e Carneiro, 2016). Ainda de acordo com Reis, de Paula e Carneiro (2016), "o dispositivo 'oficina' funciona como um espaço catalisador de forças e tensão que potencializa novos modos de percepção de si e do mundo. Um espaço de intervenção que possibilite um deslocamento dos modos conhecidos de se viver para uma nova atitude de escolhas que se restaure e afirme a vida como digna e solidária".

Tendo em vista que a concretização das oficinas e seu tempo gestacional ultrapassam o período disponível para a finalização deste trabalho de projeto, realizou-se um questionário online³ para apurar o interesse na participação das oficinas. O questionário visa quantificar o interesse, além de compreender o perfil das mulheres interessadas e ainda funcionar como uma espécie de pré-inscrição para que as interessadas possam ser contatadas posteriormente aquando da realização das oficinas. Foram feitas as seguintes perguntas abertas:

1. Há quanto tempo mora em Portugal?
2. Qual é a sua idade?
3. Qual é a sua ocupação?
4. Teria interesse em participar de uma oficina de escrita autobiográfica para mulheres brasileiras na Casa do Brasil de Lisboa?
5. Por favor, deixe seu e-mail e futuramente entraremos em contato sobre as datas de realização e formato das oficinas.

O questionário ficou disponível durante 13 dias, do dia 13/07/2017 ao dia 27/07/2017 e recebeu 40 confirmações de participação. A divulgação do mesmo foi feita pela rede social Facebook em dois grupos voltados para mulheres brasileiras em Lisboa - Rolê Feminista em Lisboa e Meninas Brasileiras em Lisboa - além do perfil pessoal da autora do projeto. Paralelamente, o questionário também foi divulgado pela CBL para sua base de e-mails, além de postagem em sua página do Facebook.

³ Maior detalhamento do questionário presente no Anexo C.

Relativamente ao perfil das participantes, optou-se por avaliar de maneira ampla o tempo de residência em Portugal, a idade e ocupação, acreditando-se serem estas serem informações suficientes para uma recolha preliminar de dados sobre as possíveis interessadas. Dentre as 40 respostas, conclui-se que há uma grande abrangência dos tempos de residência em Portugal, sendo 4 meses o mínimo e 16 anos o máximo. Relativamente às idades, a idade mínima entre as respondentes é 22 anos e a máxima, 52⁴. Quanto às ocupações, estas variam entre estudantes e profissionais de setores diversos, sendo estes dados importantes em uma etapa futura deste projeto relativamente aos possíveis horários de realização das oficinas. De todas as 40 respostas em relação ao interesse na participação, 39 foram positivas e apenas 01 solicitou mais informações sobre o formato das oficinas - contato este que será feito posteriormente. Todas fornecerem os endereços de e-mail para a construção de uma base de dados e futuros contatos.

Para uma maior compreensão de como se pretende a concretização das oficinas de escrita autobiográfica, os capítulos a seguir trarão uma exposição do tema escrita autobiográfica de mulheres e detalharão os moldes pretendidos para a realização das oficinas.

⁴ É importante ressaltar aqui que a abrangência de idades e tempo de residência em Portugal são cruciais para a obtenção de uma multiplicidade de vozes e histórias com características bastante variadas, indo-se assim diretamente de encontro aos objetivos deste projeto.

3. Escrita autobiográfica feminina e subalternidade

*Woman must write her self: must write about
women and bring women to writing (...)
Woman must put herself into the text - as
into the world and into history - by her own movement.
Hélène Cixous, The Laugh of the Medusa*

Conforme apresentado no capítulo anterior, pontuamos que as vivências das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal são permeadas pelo estereótipo "Mulher Brasileira", ao qual estão subjetivadas e sofrem com os efeitos do preconceito atrelado ao mesmo estereótipo. A ideia deste projeto em propor a escrita autobiográfica para estas mulheres seria uma tentativa de colmatar os efeitos de tal estereótipo, além de empoderar e fortalecer as vivências de brasileiras em Portugal. A partir da escrita autobiográfica, acredita-se que elas possam ter um espaço para compreender a própria história, dividi-la com outras mulheres, relativizar suas vivências mais dolorosas e enxergar-se sob outras luzes, além de proporcionar material que possibilite uma consciencialização da condição "Mulher Brasileira" em Portugal. A citação de Santos (2010) a seguir resume de maneira bastante pontual um dos principais objetivos deste projeto: "Não podemos deixar de mencionar que a escrita do eu está associada ao contexto histórico-social em que foi produzida, sendo capaz de trazer, muitas vezes, informações preciosas sobre o período do qual foi fruto, e assim, contribuir para mudanças políticas e sociais".

A escrita autobiográfica neste projeto será, também, uma tentativa de dar vida à famosa questão proposta por Gayatri Chakravorty Spivak: Pode o subalterno falar? Além de dar voz às brasileiras em Portugal, este projeto pretende ser um esforço para que a voz destas mulheres ecoe como uma outra gramática, um novo léxico para se perceber as histórias de vidas das mesmas neste país vistas e revistas por elas mesmas. Ainda de acordo com Spivak, presume-se neste trabalho o compromisso ético com a leitura do mundo a partir do olhar do subalterno. Em seu artigo "Escrita autobiográfica e construção subjetiva", Leônia Teixeira (2003) pontua que podemos considerar a fala dos sujeitos como espaço de articulação e memória e história ao relacionar histórias individuais de vida com a história da sociedade. A escrita autobiográfica passa aqui a ser considerada também como um documento histórico que pretende inserir os relatos de imigrantes brasileiras numa leitura de

mundo a partir do olhar destas mulheres. Segundo Teixeira (2003), "é com o objetivo de relacionar a história de vida com a história da sociedade que a 'fala' dos sujeitos é considerada como espaço de articulação de memória e história".

O objetivo desta tese é, também, analisar o problema social da pós-colonialidade através de um exemplo específico que são as vivências das mulheres brasileiras em Portugal. Ao ilustrar um problema específico originado de uma herança histórica e social, podemos também tentar recontar a história a partir das vozes que foram marginalizadas pela própria forma anterior de produção da história da humanidade. Descortinar o presente histórico e quebrar com um discurso essencializador homogêneo. Gomes (2013) pontua, à respeito da fala de Spivak: "Para a autora, não basta que europeus defendam não-europeus (falem por eles ou deem voz a eles); é necessário dismantelar as relações de saber-poder que silenciam os subalternos para que se abra espaço à enunciação de não-europeus; é preciso o próprio subalterno (poder) falar (1995)". A voz aqui também pode ser vista no contexto do que foi abordado por Hélène Cixous no ensaio-manifesto *O Riso da Medusa* (1975): a escrita autobiográfica comporta a ideia de voz. Para a autora, a mulher deve escrever para recuperar o próprio corpo. O corpo tem que ser ouvido. E a escrita tem que ser feita através da voz - não só oralidade, uma vez que falar implica a entrada na história. Tomar a palavra é questão essencial para os novos feminismos, tomar a voz é falar com o corpo. Segundo a autora, a história individual também é importante porque ela se mistura com a história da todas as mulheres.

Um contexto de imigração invariavelmente constitui um momento de acerto de contas: o sujeito precisa ajustar as expectativas relativas à mudança com a realidade encontrada. Esse acerto de contas consiste em uma resignificação subjetiva, social e cultural. A escrita feminina autobiográfica pode funcionar como uma forma de preencher a lacuna que as diferenças de gênero eventualmente acarretam na maneira que as mulheres se veem a si mesmas. Como pontua a escritora brasileira Conceição Evaristo (2003): "Escrever pode ser uma espécie de vingança (...) não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança". Acredita-se que a escrita feminina autobiográfica seja uma poderosa ferramenta para a reflexão individual dessas mulheres, além de poder vir a ser uma forma de resistência dessas mulheres face aos estereótipos.

3.1. Escrita autobiográfica no feminino

A Literatura feminina/escrita por mulheres passa a ter mais visibilidade a partir do século XIX como possibilidade de percepção da vida particular, de um *self* particular das mulheres (Stanley, 1992). De acordo com Liz Stanley em *The auto/biographical I* (1992), "The growth of the novel went hand in hand with the claiming and identification of a *referential* self for women as key actors in the drama of social life." Neste ínterim, conforme pontua a autora, os diários passam a se tornar uma influência no aumento da aceitação de um estilo mais referencial para a escrita autobiográfica das mulheres. No Brasil, um dos ícones da escrita de diários é a escritora Carolina Maria de Jesus, que teve seus escritos reconhecidos internacionalmente. A autora publicou suas vivências em diversos livros, sendo o mais reconhecido "O quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960) que descreve sua rotina como negra, moradora de uma favela e catadora de lixo. Sua escrita sensibiliza o Brasil e o mundo para as experiências de uma mulher em sua classe: "Carolina encontrou no gênero autobiográfico uma maneira de denunciar, relatar a sua condição, e assim escreveu o que estava incrustado em si", pontua Toledo (2010).

Durante séculos foi negado às mulheres o direito de se expressarem publicamente, tanto oralmente quanto por escrito. Quando a escrita passa a ser uma possibilidade, mesmo que através de pseudônimos, as mulheres começam a trazer à luz suas vivências, suas formas de ver o mundo e tomam a palavra que antes lhes fora negada. É partir desse momento que se começa a perceber que a escrita autobiográfica feminina pode também ser vista como produção de história, uma vez que a história, sempre contada por homens, ganha outros contornos. De acordo com Gislene Alves da Silva e Jailma dos Santos Pedreira Moreira no artigo *A escrita de si de sujeitos femininos e sua diferença cultural*, de 2016, "(...) as mulheres, pensando ainda em um plano histórico e de maioria, não foram educadas para escrever, ou seja, não tiveram as mesmas oportunidades que os homens, por isso é preciso construir condições para que as mulheres se apropriem das várias formas de dizer".

De acordo com Constância Lima Duarte em seu artigo *Literatura Feminina e Crítica Literária*: "O trabalho com a memória é quase sempre catártico. A exposição frequente do 'eu', das intimidades, das frustrações, das transgressões, dos preconceitos

e de um sem-número de revelações torna cada memorialista uma mulher", como se a própria escrita autobiográfica tivesse o poder de formar uma identidade feminina. Ao analisar a escritura feminina pelo viés de teorias feministas, Duarte nos dá pistas desta tentativa de codificar a escrita feminina associada a uma conjugação identitária:

Annie Leclerc e Hélène Cixous exploram a introdução do corpo na arte, a partir de um ângulo distintivo. Para Cixous a escritura feminina significa "escrever o corpo", pois para ela o corpo feminino representa "impulsos instintivos e um desejo que surge do inconsciente", para Leclerc "uma linguagem uterina". Kristeva avança um pouco e considera o corpo como "gozo" e como "força semiótica na escritura capaz de quebrar a ordem simbólica restritiva," já Luce Irigaray com o pressuposto de que "feminino" significa mais que "mulher", procura-o através dos discursos filosófico e psicanalítico. (Duarte, 1987).

Pensando no contexto migratório, mais especificamente das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, torna-se claro que, sendo a forma como são vistas estruturante, pouco se pode fazer para mudar uma situação social com tamanha complexidade. Entretanto, a partir das diversas leituras e estudos acerca da literatura escrita por mulheres juntamente com a evolução das teorias feministas, entende-se que a busca pela voz - neste caso específico, o abrir caminho para que as vozes se façam ouvir através das oficinas de escrita autobiográfica - pode vir a ser uma via de empoderamento para mulheres inseridas neste contexto. Segundo, Silva e Moreira (2016), "Ao escreverem sobre suas lembranças, seu cotidiano, trazem o rastro das desigualdades sociais, das marcas de violências nos corpos, nos discursos sobre a sexualidade, dentre outros". Quando se compartilha experiências, fica possível para tais mulheres tirarem o foco no peso individual e possíveis sentimentos de culpa para assim conseguirem ver suas vivências sob uma perspectiva mais ampla e estrutural. Ainda conforme Silva e Moreira:

"Essa escrita de si, uma outra representatividade, tem contribuído para uma guinada na subjetividade das mulheres, que tomam a palavra para si, assim também a direção das suas vidas, das suas histórias de lutas, escrita que empodera os sujeitos femininos em um processo de fortalecimento dos mesmos."

A recriação da identidade, sendo um imperativo, pode ser tornada consciente, e assim, conseqüentemente, empoderadora. Conforme pontua Teixeira (2003), acerca dessa recriação:

"Gusdorf (1980) elabora o prefixo auto como referente à identidade, ao eu consciente de si próprio, ao sujeito complexo, elaborado em uma existência singular e autônoma; e o prefixo bio, no que se refere ao percurso vital, à continuidade desta identidade singular, ao desenvolvimento prático de uma existência entre o eu e sua inserção no cotidiano e na realidade. A grafia do

auto e bio marca, portanto, uma separação entre o eu-escritor e o eu-escrito, representado, a partir da retomada da própria existência como objeto problematizável. É uma reconstrução, uma reconquista de si; representa um nascimento, pelo lugar distinto que o sujeito-escritor ocupa frente a sua vida, de modo crítico e reflexivo. (Teixeira, 2003)

3.2. Escrita de si no contexto migratório e construção de subjetividades

Dentro de um contexto de imigração, a recriação da identidade, ou mesmo uma nova compreensão da identidade, passa a ser um imperativo na forma de uma pessoa conduzir as próprias experiências. É como se fosse preciso nascer novamente, ganhar uma nova personalidade num novo mundo em que os mínimos processos são desconhecidos. No caso deste trabalho, as oficinas de escrita autobiográfica pretendem ser um ponto de abertura para a sedimentação dessa identidade, destes corpos em deslocamento geográfico. A escrita autobiográfica aqui passa a ser uma tentativa de escrever este sujeito perante ao contexto migratório. Segundo Teixeira (2003), "É nesse espaço de posicionamento do sujeito frente a si mesmo que a questão autobiográfica se institui como tentativa de dar conta de sua existência, de sua constituição no que se tornar. É uma escrita que tem como objeto o *si próprio*, a análise, isto é, a autoanálise da história de uma vida, a vida do próprio sujeito narrada por ele próprio".

Em sua pesquisa sobre o poder da escrita autobiográfica para imigrantes portugueses em Newark, realizada em 2013, a antropóloga Elsa Lechner tenta buscar uma "revisão da forma de estudar e encarar a migração através da análise de poder social e valor heurístico da escrita autobiográfica", através da análise de trechos autobiográficos publicados por estes imigrantes. Segundo a autora pontua, "No caso específico de obras escritas ou relatadas por autores da diáspora, esses referenciais adquirem uma importância acrescida, pois a experiência de vida é marcada, por definição e definitivamente, pela ruptura geográfica (de onde se veio, para onde se foi, passando por onde?) e temporalidades da emigração (o antes e o depois, o tempo daqui, o tempo dali, a nostalgia, a vida num presente suspenso ou enraizado em novas e antigas pertencas identitárias, projectos de futuro, de transmissão linguística e cultural, de comunidade)".

A escrita autobiográfica passa aqui a constituir uma espécie de ponte entre a vida anterior, a vida desejada, e a vida atual e todas as vivências e experiências

adquiridas deste então. Segundo Lechner (2013), a escrita passa a ser uma forma de elucubração do imigrante perante o seu contexto atual, "Como é e o que é ser discriminado no país de imigração pela cor da pele, origem étnico-religiosa, ou por se ser mulher? Estas perguntas, bem como a própria forma como a formulamos ("o que é" remete para o normativo, enquanto "como é" para o ideográfico), dão relevo à multidimensionalidade da análise biográfica: para conhecer as experiências migratórias de pessoas de carne e osso, temos de recorrer às suas narrativas e vivências concretas, às suas representações. Para tal, torna-se necessário suscitar um discurso dos nossos interlocutores (...)". E é com este "suscitar" em mente que as oficinas autobiográficas com as imigrantes brasileiras começam a tomar forma.

Em uma das frases centrais ao texto *Pode o Subalterno Falar?*, Spivak (1985) determina que esta resposta, dado o nosso enquadramento histórico e social, é provavelmente negativa: "O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à "mulher" como um item respeitoso nas listas de prioridade globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio". Um dos principais pontos a serem explorados no texto fulcral de Spivak é o tratamento do sujeito subalterno como um sujeito monolítico - algo que a proposta das oficinas visa expandir: a mulher brasileira não é um sujeito homogêneo, não é nem o estereótipo "Mulher Brasileira" e nem outra coisa qualquer. As oficinas pretendem ser uma "ponte" onde elas podem reconstruir suas histórias para além de uma visão estática, um espaço de possibilidade de se moverem por entre as dobras do discurso dominante.

De acordo com Carvalho (2011), "Spivak enfatiza que, se devemos trabalhar com categorias que refletem movimentos abrangentes, este deve ser caracterizado pela heterogeneidade. Daí a importância do intelectual não falar no lugar do subalterno, dado que tal ação sempre tende a pressupor uma essência a ser articulada pelo discurso especializado". Aqui está a base este projeto busca empreender (e compreender) com este trabalho: a noção de que mesmo subjetivadas por um contexto essencializador, estas mulheres são capazes de um desenvolvimento positivo e autônomo das próprias histórias, que são agentes das próprias vidas e que podem encontrar nesta contingência o terreno fértil para semearem e nutrirem os seus próprios recursos de sobrevivência.

Para finalizar, é importante pontuar que além de empoderar a própria pessoa que se torna consciente de sua identidade, que se pode sentir sujeito da própria vida, a

autobiografia pode, também, provocar efeitos em quem a lê. O compartilhamento de recursos de sobrevivência entre essas mulheres pode ter um efeito ainda mais empoderador. Segundo Teixeira (2013), "A autobiografia não se encerra na própria narrativa, pois, como história de vida daquele que a redige, envolve e contagia o leitor, abrindo-lhe campos para a identificação além do texto. (...) Essa qualidade de abertura do texto autobiográfico possibilita ao leitor um terreno fértil para identificações e projeções".

4. Oficinas de escrita autobiográfica como espaço de recriação identitária

Nos capítulos anteriores demonstra-se a situação da mulher brasileira imigrante em Portugal como um problema social e como a escrita autobiográfica pode se mostrar empoderadora perante cenários de essencialização identitária de grupos oprimidos. A seguir, será detalhado o formato das oficinas que pretendem oferecer uma alternativa à posição essencializada de "mulher brasileira", onde o espaço para a voz de cada uma dessas mulheres será a prioridade, tentando encontrar assim um lugar onde suas identidades, vinculadas ou não aos estereótipos, possam ser a identidade de sua escolha. Ao escreverem sobre suas vivências, tais mulheres podem ultrapassar os contornos rígidos da estereotipia, criando assim documentos históricos que registram suas perspectivas nos mais diversos aspectos, como família, vida profissional, vida afetiva e a relação com suas expectativas sobre a mudança para Portugal, além da forma como lidam com as situações de preconceito, criando também um importante registro de suas resistências. As oficinas pretendem abranger os temas ligados às biografias destas mulheres antes e depois de seu contato com Portugal na tentativa de fornecer a elas o espaço para compreender os impactos dessas vivências em suas identidades.

As oficinas acontecerão em parceria com a Casa do Brasil de Lisboa, que oferecerá o espaço e recursos de divulgação, e funcionarão como ações de sensibilização e empoderamento às imigrantes brasileiras em Lisboa e arredores. Partindo do termo "Escrevivência", usado pela escritora e feminista negra brasileira Conceição Evaristo, tais oficinas terão o nome *Escreviver: Oficinas de escrita autobiográfica para imigrantes brasileiras em Portugal*. O termo "escreviver" sugere aqui a escrita de vivências e aparece na obra de Evaristo como um chamamento da autora para demarcar com sua escrita de memórias a percepção não só do racismo, mas também de uma vida de sonhos e desejos. Com sua escrita, Evaristo tira da margem do discurso as vivências das mulheres negras no Brasil. O que se pretende com este projeto é que as imigrantes brasileiras saiam das margens do discurso imperialista e essencializador e possam elas próprias constituir um corpus de estudo em primeira pessoa, reivindicando que suas vivências sejam ouvidas pelo mundo sem mediações. De acordo com Smith e Watson (2010), "Os sujeitos autobiográficos e as

subjectividades veiculadas pelos textos autobiográficos são compreensíveis à luz de conceitos chave como: memória, experiência, identidade, espaço, corpo, agenciamento". São estes os marcadores que ditarão a condução das oficinas.

4.1. Oficinas de escrita e emancipação

Em se tratando do potencial de emancipação das oficinas, utilizaremos o exemplo do projeto norte-americano "The Freedom Writers"⁵, idealizado pela professora Erin Gruwell para alunos do secundário em um contexto social problemático. Perante o cenário de descaso educacional, tensões raciais e violência de gangue no final da década de 1990, a professora Gruwell, depois de apresentar o Diário de Anne Frank aos alunos, passa a explorar a escrita como forma de dialogar com seus alunos, oferecendo-os cadernos em branco onde pudessem contar suas histórias de forma privada. Neste espaço seguro, os alunos passam a relatar suas vidas e a relação com os familiares, o uso de drogas, a violência, o abuso e demais questões da vida adolescente. O projeto ultrapassou as salas de aula, foi publicado em formato de livro, chamado "The Freedom Writers Diaries", sendo considerado Best Seller pelo *The New York Times*, além de se ter transformado em uma fundação, a The Freedom Writers Foundation, que continua a estimular a escrita autobiográfica como ressignificação de valores de estudantes em todo o país.

Sendo um dos principais objetivos deste trabalho dar voz às mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, é essencial que o projeto seja permeado pela noção de que estas mulheres sejam agentes de suas próprias vidas e histórias, para que saiam da condição de vítimas de uma essencialização e possam viver como agentes políticos plenos. Segundo Gilmore e Marshall no artigo "Girls in Crisis: Rescue and Transnational Feminist Autobiographical Resistance" (2010), "no longer representative of static subaltern silence, girls emerge in these narratives as figures of sympathy represented by politically active women autobiographers". As oficinas (e quem as ministra) passam a ser somente um veículo para que tais mulheres possam manifestar suas vozes e autonomia. Um dos possíveis *outcomes* pretendidos com as oficinas é também o desmantelamento da categoria "Mulher brasileira" como sendo uma entidade única e fixa, e acredita-se que com a multiplicidade de histórias de vida

⁵ Site do projeto: <http://www.freedomwritersfoundation.org/>

das participantes, possamos concluir que, mesmo tendo um projeto migratório em comum, essas mulheres apresentam muitas diferenças na forma de perceber e vivenciar as situações de preconceito a que são submetidas.

4.2. Proposta de implementação das oficinas

De modo a que se possa cumprir com os objetivos do projeto, as oficinas serão inicialmente divididas em 03 aulas, durante duas semanas (02 em uma semana e 01 na semana seguinte), com duração de 2h cada e com 10 alunas, número este sugerido pela própria Casa do Brasil, tendo em conta a assiduidade de participantes em outros eventos de porte semelhante. O modelo apresentado a seguir é uma proposta pensada com base em sugestão da Casa do Brasil sobre o perfil dos imigrantes frequentadores dos eventos da associação e com o intuito de que haja uma produção individual e também coletiva, podendo a proposta ser alterada aquando da sua execução. Caso seja de interesse das autoras, os textos resultantes das oficinas poderão ser revisados, comentados e publicados no jornal Sabiá, uma publicação bimensal própria da Casa do Brasil, além de uma futura publicação em formato de livro - projeto secundário a ser desenvolvido futuramente. A seguir, a estrutura proposta para a realização das oficinas:

Aula 1

Objetivo:

Apresentar o tema "Mulher brasileira em Portugal", propor um debate sobre o que é ser mulher brasileira em Portugal e, a seguir, um exercício de escrita.

Plano:

- Exposição do tema 'mulheres brasileiras em Portugal' (de acordo com o que foi abordado no capítulo 2 deste mesmo projeto);

- 30 minutos de conversa sobre as percepções das mulheres sobre o que é ser brasileira em Portugal; e também o motivo de quererem escrever

- Proposta de exercício individual a ser feito em aula: Aponte e descreva *em primeira pessoa* 10 momentos essenciais de sua biografia e 05 situações marcantes sobre suas vivências como brasileira imigrante em Portugal.

- Recomendação de que os exercícios sejam feitos individualmente (em casa).

Aula 2

Objetivo:

Apresentar o tema "Escrita autobiográfica de mulheres" e como os exercícios de escrita podem ser emancipadores.

Plano:

- Exposição do tema 'Escrita autobiográfica de mulheres' (de acordo com o que foi abordado no capítulo 3 deste mesmo projeto);
- Apresentação de excertos de textos autobiográficos de mulheres⁶;
- Continuação do exercício feito na aula anterior;
- Solicitação de envio dos textos finais com título por e-mail para serem lidos na próxima e última aula.

Aula 3

Objetivo:

Ouvir as opiniões das alunas sobre a experiência e comentar as experiências e resistências relatadas nos seus textos.

Plano:

- Apresentação dos textos finais e leitura de alguns excertos;
- Convívio e abertura para comentários das alunas sobre a experiência.
- Preenchimento de formulário sobre a experiência para título de catalogação.

⁶ Excertos em anexo D.

Considerações Finais

Acredita-se que este projeto tenha um grande potencial de concretização dos objetivos propostos, estando sustentado nos pilares teóricos das áreas de Estudos de Gênero, Migração e Literatura, e de um ponto de vista metodológico procurou seguir várias etapas que visam a elaboração de um projeto que possa ter aplicação concreta, concretização esta reafirmada pela entrevista presencial e carta de interesse da Casa do Brasil de Lisboa, ambas anexadas neste projeto. A realização de um questionário online para a medição do interesse na participação das oficinas se mostrou surpreendentemente positiva e mostra, preliminarmente, que a adesão ao projeto existe e sua realização é viável.

É importante que se continue a acompanhar os estudos da área de Migrações, Sociologia e Psicologia das Migrações para perceber a evolução da imigração brasileira em Portugal e possível existência de uma terceira vaga com diferentes características, nomeadamente de faixa etária, escolaridade e qualificação profissional, e seus possíveis impactos nas relações entre brasileiros e portugueses. Entretanto não se pode perder de vista que esta é uma questão sobretudo estrutural cujas mudanças sociais tendem a acontecer de forma lenta. Acredita-se, também, que as publicações resultantes das oficinas possam aumentar o corpus de histórias de vida de mulheres brasileiras em Portugal e engradecer essa área de estudo.

Não se pode deixar de afirmar que este projeto tem um cariz político e intervencional que visa a mudança social através da abertura para suas participantes o contato com o "eu" através do espaço de reflexão individual acerca das suas vivências neste país. Ao possibilitar um espaço de reflexão individual, espera-se que as participantes compartilhem suas vivências, não só com outras mulheres, mas posteriormente em forma de publicação literária, e transformem-se em sujeitos produtores de conhecimento sobre suas próprias vidas e assim possam trazer inspiração e resistência à sociedade. O objetivo de empoderamento e aumento do sentimento de pertença dessas mulheres na sociedade de acolhimento é a força motriz para que o projeto saia do papel e seja concretizado, esperançosamente, por muitas edições, não só em Lisboa, mas em todo o país.

Referências bibliográficas

- BRAH, Avtar, (2006), "Diferença, diversidade, diferenciação". Cadernos Pagu, Campinas, n. 26, p. 329-376.
- BHABHA, Homi K. (1998), O Local da Cultura, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- CIXOUS, Hélène (1976), *The Laugh of the Medusa*. Journal of Women in Culture and Society 1976, vol. 1, no. 4
- CUNHA, Isabel (2003), "A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal", Cadernos Pagu (21), pp. 39-73.
- CUNHA, Isabel (2005), "Mundos Imaginados: as brasileiras nos Media em Portugal", Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, UERJ.
- DIAS, Sónia Ferreira; ROCHA, Cristianne Famer, (2009), *Saúde Sexual e Reprodutiva de Mulheres Imigrantes Africanas e Brasileiras - Um Estudo Qualitativo*, Lisboa, ACIDI.
- DOLABELLA, Lira Turrer (2015), "Diáspora: As imigrantes brasileiras no universo das casas de alterne em Lisboa". Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 21-50.
- EVARISTO, Conceição (2003), *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. Texto apresentado na mesa de escritoras convidadas do Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB.
- FERNANDES, Danubia de Andrade (2013), "Representações da diferença: a mulher brasileira migrante na mídia impressa da Europa", Anuario Americanista Europeo, 2221-3872, N° 11, 2013, Sección Tema Central p. 217-237.

- FRANÇA, Thais, (2010), "Alternando entre o trabalho e o prazer: considerações de uma doutoranda brasileira". Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/FEUC/FLUC, Coimbra, n. 4.
- GILMORE, Leigh e MARSHALL, Elisabeth (2010), "Girls in Crisis: Rescue and Transnational Feminist Autobiographical Resistance", *Feminist Studies*, Vol. 36, No. 3, SEX AND SURVEILLANCE, p. 667-690. Feminist Studies, Inc.
- GOMES, Mariana (2013), *O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Instituto Universitário de Lisboa.
- JESUS, Carolina Maria (1960), *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. Ed. Ática e Francisco Alves.
- LECHNER, Elsa (2009), "Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: contributos para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 85, 2009, 43-64.
- LECHNER, Elsa (2013), "A escrita autobiográfica de emigrantes portugueses em Newark: resistência aos estereótipos e emancipação glocal", Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- LOURENÇO, Eduardo (2015), *Do Brasil: Fascínio e Miragem*, Lisboa, Gradiva.
- MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (orgs.) (2005), *Dicionário da Crítica Feminista*, Porto, Edições Afrontamento.
- MACHADO, Igor (2007), "Reflexões sobre as Identidades Brasileiras em Portugal", em Jorge Malheiros (org.), *A imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI, pp. 171-189.
- MALHEIROS, Jorge (2007), "Os Brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos", em Jorge Malheiros (org.), *A imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI, pp. 11-38.
- MIRANDA, Joana (2009), *Mulheres Imigrantes em Portugal: Memórias*,

Dificuldades de Integração e Projectos de Vida, Lisboa, ACIDI.

PADILLA, Beatriz (2007), "A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise", em Jorge Malheiros (coord.), *A Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI, pp.113-134.

PONTES, Luciana (2004), "Mulheres brasileiras na mídia portuguesa", *Cadernos Pagu*, (23), pp.229-256.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc (1995), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

RAPOSO, Paulo (coord.); TOGNI, Paula C. (2009), "Os Fluxos Matrimoniais transnacionais entre Brasileiras e Portugueses: Género e Imigração", Lisboa, ACIDI.

REIS, Lyria Maria, DE PAULA, Cyntia e CARNEIRO, Angela (2016), "Grupos de Suporte - A experiência do grupo acolhida da Casa do Brasil de Lisboa", 11º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde, Lisboa.

RIBEIRO, Manuela (1995), "As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica: Reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 44.

ROSSI, Jéssica (2013), "A construção da identidade da mulher imigrante brasileira em Portugal: a atuação de organizações que defendem o direito de migrantes", *Fazendo Género - 10 - Desafios Atuais dos Feminismos*, Florianópolis, 2013.

RYAN, Michael (2011), *The Encyclopedia of Literary and Cultural Theory*, Blackwell Publishing, Reino Unido.

SANGSTER, Joan (1994), "Telling our stories: feminist debates and the use of oral history", *Women History Review*, 3:1, 5-28.

- SANTOS, Marcela Enersto (2010), "Autobiografia feminina: a identidade e o preconceito nas memórias de Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou", Revista Iluminart do IFSP, Volume 1 número 4, Sertãozinho.
- SMITH, Sidonie e WATSON, Julia (2010), *Reading autobiography. A guide for interpreting life narratives*. 2ª edição. University of Minnesota Press.
- SILVA, Gislene Alves e MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira (2016), "A escrita de si de sujeitos femininos e sua diferença cultural", Pontos de Interrogação, v.6, n. 1, jan.-jun., p. 11-28.
- SILVA, Patrícia Azevedo (2008), *Para lá do prejuízo - Análise das narrativas de identidade e reconstrução de subjectividades em mulheres brasileiras na área metropolitana de Lisboa*, Tese de mestrado em Antropologia, Departamento de Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2010), *Pode o Subalterno Falar?*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- TEIXEIRA, Leônia Cavalcante (2003), "Escrita autobiográfica e construção subjetiva", Psicologia USP, 2003, Vol. 14, No.1, 37-64
- TOLEDO, Cristiane Vieira Soares (2010), "Carolina Maria de Jesus: a escrita de si", Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.256.
- VIANA, C. (s/d), *Quem Somos. Casa do Brasil de Lisboa*. Acessado em 19 de Julho de 2017.

Anexo A

Entrevista semi-estruturada com Cyntia de Paula, psicóloga da Casa do Brasil de Lisboa realizada no dia 26 de Junho de 2017.

Roteiro da entrevista:

1. Qual é a estrutura atual da casa e que tipo de atividades são oferecidas?
2. Qual é a visão da Casa sobre os problemas sociais relacionados aos estereótipos aos quais as mulheres brasileiras são submetidas?
3. Há atividades específicas para mulheres? Algum ligada às questões dos estereótipos?
4. Existe uma procura de apoio específico por brasileiras em relação aos estereótipos?
5. Há formação dos profissionais/colaboradores envolvidos com a Casa para lidar com a questão?
6. Quais são as possibilidades físicas e materiais para a realização de Oficinas de escrita autobiográfica para as imigrantes brasileiras?

Abaixo, a transcrição da conversa:

Cyntia: É uma ideia mais autobiográfica mas não deixa de ser também recolha de histórias de vida, a diferença é que aqui a pessoa é mais autora da sua própria história e não só conta para alguém que escreve a história ou grava a história e depois transcreve. Essa metodologia é mais participativa e participada, o que também, do meu ponto de vista, promove outras questões que são muito importantes, que é o sentimento de pertença do próprio projeto, né, da criação. Sou psicóloga comunitária e trabalho na área da imigração já há cinco anos, e trabalho na área da igualdade de gênero na Umar, que é uma outra associação que pode ser bacana também pra você entrevistá-las, talvez a Manuela Tavares que tem uma tese sobre os feminismos em Portugal que pode ajudar. (...)

Cyntia: Enquanto Casa do Brasil, o nosso trabalho tem diversas vertentes. Essa vertente de atendimento, que é um gabinete de orientação e encaminhamento, sou eu e o Diógenes mais próximos. Ele é das Ciências Sociais e tem mestrado em Saúde Coletiva. Temos aqui mais esse trabalho direto de apoio. A maioria são mulheres, curiosamente, mas mulheres e homens que nos trazem um problema concreto, muitas vezes de vivência de preconceito ou não. Como é que eu tenho autorização de residência, como eu acedo ao sistema de saúde, enfim. Tudo que envolve a vida do e da imigrante, nós nesse gabinete tentamos dar um norteamento, ou seja, com informação, ou encaminhamento, ou com a desconstrução mesmo: senta aqui e vamos lá entender o que é a segurança social, por exemplo. (...) É muito interessante trabalhar nessa área porque nós não sabemos também, é uma construção coletiva e junto com as pessoas (...) E a Casa tem desenvolvido, que é o projeto que estou mais próxima, em termos de coordenação, desde 2012, que é o Grupo Acolhida, acho que você nunca veio nesse, você só veio numa sessão de informação. Eu acho que pode ser um espaço muito rico que vai te ajudar muito a formar opinião, mesmo para a consciência crítica, pode ser muito bom. Eu acho que aqui cabe o seu projeto, mas eu também o vejo construído separado do grupo, como um projeto mesmo e me disponibilizo para a ajudar a implementá-lo, não só porque é um tema que me interessa, mas eu acho que tem muitas

pernas para andar. O Grupo Acolhida é um grupo de ajuda mútua, mas com enfoque em troca de experiências. O que nós temos desenvolvido nesses últimos cinco anos de grupo: nós temos reuniões quinzenais - quarta-feira tem uma reunião, se você puder participar às 16h, é bem interessante para você entender até a metodologia, a dinâmica, como é que funciona. O Grupo teve de férias de abril até agora, basicamente nós perdemos o financiamento, tivemos que conseguir outro financiamento, já conseguimos então ele volta a ser financiado agora. O Grupo é um grupo de troca de experiências - eu publiquei um artigo sobre há pouco tempo, depois eu posso te enviar para você ler. Com a metodologia participativa, que busca através da fala e das pessoas contarem a sua experiência, ultrapassar essas questões, mais psicossociais da imigração. Parece bobo, nós estamos aí a falar uma hora e meia sobre "ah, eu fui no SEF e foi assim", mas não é, é muito empoderador. Primeiro, porque relativiza a experiência. A frase que nós mais ouvimos no grupo e eu, que tive desde sempre, é: "eu achei que era só comigo que isso acontecia". E isso é muito interessante porque também desculpabiliza um pouco, não sou eu que estou fazendo errado, é um sistema que não funciona e muitas vezes nos coloca esses entraves. E o preconceito é sempre, é o tema "high". Mulheres então... É para esquecer, mesmo. Acho que um projeto desses, Mariana, acho que é extremamente útil, extremamente pertinente, porque não existe nada nesse sentido, ainda desenvolvido pelas associações que eu tenho trabalhado nesses últimos anos. Agora, recentemente, teve alguns trabalhos muito interessantes que também pode ser bacana de você ver, da Letícia (Barreto), só que ela é das Artes Visuais (...) Ela foi uma das pessoas que trabalhou um pouco mais para fora as questões do preconceito. Tem uma colega agora que tem vindo no Grupo Acolhida que ela está fazendo uma tese na área da comunicação sobre também os estereótipos, só que em mulheres acima dos 50 anos, é um recorte ali bem interessante, também. (...) É Camila Craveiro, da Universidade do Minho. Tem algumas pessoas que têm trabalho esses temas, depois tem uma outra brasileira do Rio Grande do Sul, já voltou para o Brasil, mas a tese dela também foi nessa área, tá em inglês, depois eu posso te mandar. O que eu sinto: há já até bastantes estudos, mas eu sinto ouvir as mulheres. Acho que nós enquanto Casa do Brasil também ponho a minha... São muitos projetos a serem desenvolvidos, não temos conseguido. No âmbito do Grupo Acolhida, nós temos tido outras ramificações de atividades que aí nos têm permitido ouvir mais nesse sentido, por isso eu acho que casa perfeitamente. Se nós montarmos um bom cronograma, uma boa organização, acho que dá perfeitamente para trabalhar em paralelo ao grupo. Dentro do grupo, essa metodologia é quinzenal, sempre de uma hora e meia, na nossa experiência, tudo que é muito superior a isso é mais difícil. Nós tivemos ele financiado em 2014, pela Gulbenkian, esse projeto, e dentro desse projeto, teve ações de sensibilização, ou seja, nós fazíamos os encontros e paralelamente criávamos encontros com temas específicos, sobre preconceito, sobre trabalho, ou seja você já vinha para aquele sabendo que ia fazer aquilo, não era livre. E depois fizemos cursos de formação mesmo, tudo o que foi superior a muito tempo, não tivemos adesão. Por quê? Porque a imigração tem características muito importantes, primeiro, as pessoas não tem tanta disponibilidade, e precisam trabalhar, não moram no centro, elas não podem parar, são muitas outras questões que influenciam e eu compreendo, né. Muitas vezes em trabalhos precários, que os horários são completamente... Não são fixos, né? Por isso, acho que você... Dicas: acho que é possível construir um projeto, vejo assim, qual é o tempo que você tinha pensado?

- Três ou quatro aulas... Isso feito em duas semanas.

- Eu acho muito apertado, trazer quatro vezes aqui as pessoas em duas semanas.

- É, eu imaginei que fosse isso. Eu ainda estava pensando mais, mas depois eu comecei a ver que isso seria muito esticado... Duas aulas também se faz, condensa-se, eu acho é

que se perde um pouco, por exemplo, uma aula de apresentação final, mas é existem por exemplo, muitas oficinas de escrita que são feitas em um fim de semana, em dois dias. Mas o que eu penso é: precisa ter esse período individual da escrita também, que eu acho importante.

- Mas que ele pode ser feito à distância, certo?

- Sim, à distância.

- E pode ser promovido um encontro final que não está dentro disso, que pode ser posterior, e aí seriam uns quatro encontros, acho que sim. Depois, amostragem, qual é o número de pessoas que você tinha pensado?

- Eu acho que 10 pessoas para ter tempo... De 10 a 20...

- Não consegue isso tudo.

- Não consegue adesão?

- Não.

- Que é para ter o tempo também para que todas possam ouvir, falar, sem ficar sobrecarregado. Eu acho que, outra coisa que eu pensei também, e depende da estrutura da Casa, uma coisa trimestral ou semestral, não.

- Dividida em momentos de recolha?

- Não, aí a cada três meses uma turma.

- Várias turmas?

- Sim, aí imagina, no fim do ano um grande evento...

- E você pensou num projeto de um ano?

- Sim. Nesse um ano seria a recolha para fazer o livro, que também precisaria de financiamento, mas enfim.

- É, dinheiro nós não temos. (Risos) Temos força de vontade.

- Isso eu já imaginei.

- Isso não implica que a gente não pode estruturar aí um projeto e recorrer a um financiamento, é assim que nós vivemos. Mesmo o Grupo Acolhida, conseguimos financiamento e isso. Tem aberto muitas coisas, pode ser que a gente possa tentar construir um projeto, isso não invalida fazermos a candidatura. Isso não é rápido, as candidaturas abrem espaçadamente, agora nós colocamos três candidaturas. O tempo de resposta às vezes são seis meses, sete meses. (...) Vamos pensar mais de forma mais prática, um projeto de um ano, vou começar aqui a escrever, como se fosse já uma organização. (...) Pronto, porque é que eu dei o exemplo do Grupo Acolhida, é um trabalho parecido, só que é um trabalho em que não se tem uma produção, é trabalhado as histórias e trajetórias a cada quinze dias. O grupo tem se mantido coeso. Agora é um novo grupo, vamos ver, algumas pessoas que já participavam continuam, outras devem entrar. Nesse momento também a imigração ela segue uma característica muito especial, porque tem chegado muitas pessoas, muito provavelmente vão ser todos recém chegados que ainda não vivenciaram nada desses processos e as dúvidas devem se pautar mais em, "Cheguei e agora?". Vai ser mais assim.

- Só uma pergunta, você tem sentido a mudança da imigração?

- Sim, já desde o ano passado.

- Isso é um dado que eu ainda não tenho e que eu acho que daqui a uns dois anos esses dados estando mais concretos é possível perceber também uma questão na mudança do estereótipo. Porque eu acho que o tipo de mentalidade que se tem com o tipo de migração são coisas que vão caminhando mais ou menos juntas. A percepção que os portugueses têm, e conseqüentemente a relação que eles têm com os brasileiros, infelizmente, também tem a ver com o tipo de imigrante que tem.

- Sim e não... Eu acho que... Eu nesse ponto sou mais radical, eu acho que o estereótipo não só está pautado no tipo de imigração que vem, mas no tipo de ideia que foi vendida desde a colonização.
- Sim, isso sim, sem dúvida.
- Que é muito mais forte do que... Porque esses estereótipos sempre existiram mesmo quando a imigração foi altamente qualificada nos anos 80, e eram só médicos, engenheiros e dentistas e essa percepção da mulher hipersexualizada ultrapassa as classes sociais.
- Sim.
- Pensando em vários estereótipos, acho que a gente tem que pensar que há diversos dentro, né? Por exemplo, não só o estereótipo da mulher que está disponível para sexo ou de que é hipersexualizada, mas também da brasileira que trabalha só no café, que é super simpática, por exemplo, eu já ouvi coisas, "Nossa, mas você tem mestrado? Mas as brasileiras só fazem unha..." ou "Mas como assim, as brasileiras só fazem a unha e vão pro comércio". É que quando nós pensamos em estereótipo, não é só o estereótipo da hipersexualização que, no meu ponto de vista é um dos piores porque nos coloca em situação de vulnerabilidade, e não só, e cria imensa discriminação. Quando um proprietário não te aluga uma coisa porque você é brasileira e vai para lá e vai ser prostituta e como se a pessoa não tivesse direito de ser.
- E nas relações afetivas, também, no caso das mulheres heterossexuais.
- Exato, da violência doméstica, das relações familiares, ou seja, há muitos outros estereótipos além desses que também... Talvez esses, sim... Por exemplo, dessa questão da empregabilidade, que tem baixa qualificação, ou de que... Esse eu acredito que deve ir mudando de acordo com a imigração, mas as questões de gênero específicas, e sexualidade, não sei.
- Não vão melhorar tão cedo, não é?
- Não, eu acredito... Eu quero acreditar que sim, porque nós temos feito imenso trabalho para que isso...
- Sim, a minha dúvida sobre essa mudança justamente é nesse sentido, é pensar quais é que podem ser também as mudanças externas à essa construção discursiva...
- Eu acho que isso pode alterar na questão da qualificação profissional. Um ponto. E do lugar onde se está, por exemplo, talvez com uma imigração mais qualificada, se essa imigração conseguir entrar no mercado de trabalho qualificado, porque tem mais essa questão. Porque mesmo com alta qualificação nós continuamos nos serviços. Muitas vezes nos é impedido aceder a cargos maiores porque é imigrante e é verdade, infelizmente isso ainda existe.
- Ainda estamos numa camada muito tangencial...
- Muito, muito. Eu acho que... São muitas coisas, mas a questão da hipersexualização há várias causas, e eu acho que não está nas mulheres, eu acho que está na sociedade, não nas mulheres que vieram. Até porque, por exemplo, o número de mulheres que vieram para prostituição não se compara ao número de mulheres que vieram para trabalhar em todos os outros lados. O que acontece é que desde sempre a mídia dá enfoque nessa ideia, e não só, o próprio Brasil também vendeu essa imagem, e continua a vender, com o Turismo e isso tudo, né? É muito mau. (...) Eu já sinto melhora, mesmo trabalhando assim, eu já sinto um outro olhar.
- Em quatro anos que eu estou aqui eu sinto uma leve diferença, é muito pequena, mas sinto. Eu acho que a tendência quero acreditar que é isso melhorar. Mas o que eu pensei também, o meu projeto ele vem de uma vontade de que as mulheres possam falar sobre isso, que elas tenham lugares onde elas possam falar e trabalhar essa questão...
- Eu acho que isso é fantástico.

- ... E se sentirem mais empoderadas, porque tem uma diferença muito grande de quando a gente ouve uma coisa que parece banal tipo essa do mestrado, "Ah, mas você tem mestrado?", mas quando você está num estado psicológico frágil...
- Exato!
- Essas coisas comigo já me puseram muito para baixo.
- E não só, o próprio processo de imigração é um processo de crise, ou seja, você já sai do seu momento, da sua zona de conforto, você está num espaço que não é o seu. Eu, por exemplo, eu tive noção do preconceito, estava até a falar isso com a Lyra, de um outro projeto que pode ser interessante para você, nós vamos fazer um documentário em Cascais com recolha de histórias de vida, vai ser muito interessante, chama "Ser imigrante em Cascais", vamos acompanhar a história de seis imigrantes. É uma metodologia muito bacana que também pode te ajudar. Eu não vou estar tão envolvida nesse projeto, mas depois se quiser conversa com a Lina que ela pode te dar uma ideia e até pode ser legal para o seu trabalho. E estávamos a falar disso. Eu vim há oito anos, e quando vim eu não tinha noção do preconceito, eu quando cheguei aqui e vim para o mestrado, quando eu comecei a vivenciar as situações de preconceito por ser mulher, por ser imigrante, porque aí vem...
- Você veio sozinha?
- Vim com meu ex-marido e me divorciei aqui. (...)
- E lá você estava completamente alheia ao que poderia acontecer aqui, né?
- Eu sempre trabalhei na área dos direitos humanos, já trabalhava na universidade nessa área, da garantia dos direitos humanos, mas eu não tinha mesmo a noção de que era tão sentido na pele, do olhar, de quando perceberem o seu sotaque, mudarem o comportamento. Eu trabalhei uma época na Amnistia, e eu estava num projeto de rua aqui em Portugal, estávamos na rua, veio uma senhora, chegou assim, veio ao meu pé, olhou, "Isso aqui é só brasileira!!!", e começou a gritar, literalmente, e eu, por mais empoderada que seja, acaba com a gente, nos destrói. Porque você não tá... É muito forte. Aí eu acho que um trabalho desse seu é muito pertinente porque eu tive conhecimento suficiente depois para lidar com isso, elaborar e entender que a culpa não é minha, mas a maioria dessas mulheres não tem. E muitas vezes sofrem sozinhas, vão se guardando, vão enfraquecendo, muitas vezes desistem dos processos, desistem mesmo dos processos e voltam. Sem falar dos assédios sexuais dentro das empresas, do assédio sexual dentro do espaço público...
- Assédio moral.
- Do assédio moral porque é brasileira, da exploração laboral, enfim.
- É uma miríade, sim.
- Mas acho que é interessante pensarmos sobre isso, e acho que é interessante colocar as mulheres para escrever sobre isso. Eu acho que faz todo sentido, é preciso ouvi-las e é preciso construir até, eu vejo um projeto desses como um processo de sensibilização, eu acho que você pode pegar por aí. Isso é uma boa justificativa para um projeto. (Risos) Porque fazer um trabalho desses, apresentar um trabalho desses na sociedade portuguesa é sensibilizador. A partir do momento que nós contamos essas histórias e as pessoas podem ouvir essas histórias, nós estamos promovendo conhecimento, e isso, vai se trabalhando essas ideias, vai se desconstruindo... Processos de desconstrução de pensamento.
- Exato, e tem uma outra coisa interessante também, que se fala sobre a escrita autobiográfica, é que ela passa também a ser um documento histórico.
- Claro.
- Só que é uma perspectiva histórica da própria pessoa que vivenciou aquilo...
- Isso é fantástico.

- Naquele contexto.
- E naquele momento. Se calhar uma pessoa que veio há 15 anos tem uma perspectiva diferente de nós duas, que viemos há menos tempo. E as mulheres que vão chegar agora já vão ter uma perspectiva daqui a um ou dois anos, um olhar diferente, da que nós vivenciamos. Tem uma pessoa muito interessante que participa do grupo que é a Lyria, ela é brasileira, mas sempre teve nacionalidade portuguesa, e ela já está aqui desde 2007, eu acho, e ela trabalha na universidade. Ela fala uma coisa interessante, ela apesar de ser portuguesa, ela sempre vai ser brasileira.
- Sim, eu sinto isso sempre. Eu falo e eu sou brasileira.
- Exato, tipo, você é visto como uma pessoa imigrante, sempre. Isso é transversal à outras nacionalidades.
- Eu acho que no meu caso particular o que aconteceu foi, eu tinha a ilusão de que ter a nacionalidade me blindava de alguma forma e não blindava, não acontece nada, eu falo e eu sou brasileira. Eu posso mostrar o meu documento, e não muda nada.
- O preconceito não se cura com documento. Eu sinto isso, tipo, é muito triste, por quê? Porque nos tira competências e é esse o problema. E nos causa discriminação. A partir do momento em que um senhorio não te aluga uma casa porque você é brasileira, é discriminação, está te tirando direitos, direito de moradia.
- No meu caso, por exemplo, eu tenho um namorado português, e só o fato de eu precisar que ele fala determinadas coisas, que ele telefone... A gente está procurando casa, não sou eu a ligar e isso me tira uma coisa que eu sempre tive que é a minha independência. Que bom que eu tenho alguém com quem eu possa contar, mas ao mesmo tempo é uma sensação muito ambivalente essa de poder contar, mas numa circunstância que me tolhe muito porque é uma coisa muito simples, que é tentar alugar uma casa, é tentar ir à farmácia...
- Ir ao médico.
- Essa parte foi muito difícil também.
- E eu sinto que nos tira o sentimento de pertença, Mariana, porque até que ponto a gente se sente parte? Eu já vivo há oito anos e tem momentos em que eu não me sinto parte. Eu já ouvi da minha sogra - meu companheiro também é português - eles são 100%, mas coisas do gênero, que é muito simples, "Quando é que você vai aprender a falar português?", num almoço de família. Parece besta, mas nos acaba... Tipo, por que é que eu tenho que continuar a ser e porque é que eu sou diferente? Em que momento que eu sou diferente de você? Essa é a vontade. Agora, que eu digo novamente, nós temos, apesar de nos causar sofrimento, temos um poder de elaboração porque temos esse conhecimento de que é um sistema que é assim, que há ideias preconceituosas e pré-concebidas que foram construídas ao longo de séculos. (...) É claro que hoje, e a minha sorte que eu tive resposta disso, eu desde que nasci só ouço português. É a minha língua materna, mas, imagina, alguém que não conseguia refletir ia se sentir arrasada e ia ficar triste demais, não que a gente não fique triste, e se calhar até ela evitaria essa pessoa. Porque é isso, vem o isolamento e isso tudo. São muitas questões que influenciam o processo do preconceito e da discriminação, porque o grande problema do preconceito, e são vários, é a retirada de direitos. A partir do momento que nós nos baseamos em estereótipos, temos preconceito baseado em estereótipos, e discriminamos, nós retiramos direitos das mulheres. Aqui eu vou focar nas mulheres, mas é verdade, nós retiramos direitos. Por quê? Porque se essa mulher sofre um preconceito por ser brasileira no Centro de Saúde, ela já não vai voltar ao Centro de Saúde. (...)
- Por você ser psicóloga eu queria te perguntar isso, que falta... Pelo menos eu não encontrei tanto esse enquadramento da saúde psicológica dessas mulheres, o impacto

que isso tem, e que esse estudo tem que sempre estar junto, porque é uma questão que tem um efeito psicológico muito grande.

- Claro, e em vários sentidos... Vou te mandar o artigo. (...) A saúde mental é muito afetada em muitos sentidos. Primeiro, para já o processo imigratório por si só já te cria imensa ansiedade. Para já temos que lidar com isso e não só e depois nos causa inúmeras outras questões: insegurança, medo, isolamento, muitos dos relatos que nós acompanhamos no grupo, que é muito interessante, o que as pessoas mais queixam é o isolamento, que isso causa o quê?, causa imensa tristeza. Altos índices disso, de tristeza, solidão. Eu costumo brincar e dizer que a palavra que eu mais escutei nesses anos no grupo é solidão e saudade, que são coisas que significam muito. E isso nos causa imenso sofrimento. Se eu me sinto isolado e não me sinto parte e não posso procurar uma ajuda porque eu posso sofrer uma discriminação é óbvio que isso vai afetar a minha saúde mental. Eu já não vou estar completamente feliz. (...) Quando a gente chega, a gente tem que reaprender, é como se nós renascêssemos, e esse processo é muito doloroso. Se ele é cheio de entraves...

- Exato, como é o caso aqui em Portugal. Porque daí a questão já deixa de ser só subalterno e a relação colonial...

- Completamente.

- É muito mais do que isso, porque a gente tem que reaprender como a gente fala, o que que significam as coisas que a gente fala. E às vezes a gente vai fazer uma piada e é mal interpretado, e aí depois a gente já não faz mais, e aí depois a gente já não sabe como fazer, enfim.

- Eu acho que o pior disso tudo, pelo menos do que eu vivo no trabalho e que já senti é: me sentir inferior não sendo. Ou seja, por que eu tenho que me submeter a isso e me sentir assim. Por exemplo, eu já tive momentos e situações que eu não tive vontade de abrir a boca, para não perceberem que eu sou brasileira. (...) Sabe o que eu sinto, ainda hoje, oito anos depois, no meu caso eu me sinto privilegiada porque eu sempre trabalhei na minha área, durante o mestrado fiz alguns trabalhos e aí sim eu vi o quanto nos veem como diferentes. Há duas classes de pessoas, os imigrantes e os nacionais e é verdade. Mas o que eu sinto mais nas pessoas que acompanho e minhas amigas e isso é a questão da desqualificação profissional. Porque isso influencia toda a nossa vida, porque o nosso trabalho faz parte da nossa identidade, e a partir do momento que você não consegue aceder ao mercado de trabalho minimamente naquilo em que você é competente e escolheu fazer, isso é muito devastador, porque o trabalho nos cria relações, o trabalho faz parte do nosso dia-a-dia. (...) E isso é muito forte e nos causa essa sensação... (...)

- É importante a questão da história de vida e da gente ainda aumentar o campo nessa área de estudos sobre as mulheres.

- Não só de estudo, mas de trabalho, porque nos projetos sociais (...) As associações precisam mais disso, nós temos que ouvir mais as pessoas e não só nos limitar a atender e a dar uma resposta. Eu sinto muito essa necessidade, não só aqui, mas mesmo na Umar, de ouvirmos as pessoas, nós temos que saber o que que essas pessoas viveram, o que é que vivem. Porque é muito bonito nós lermos, não é, os livros e os artigos e as teses, nos ensinam imenso, mas o que você vai aprender ouvindo essas mulheres é muito superior àquilo que a gente lê, sim.

- Eu acho que uma das principais coisas que falta nesses estudos é: quais é que são os recursos que essas pessoas desenvolvem.

- É, eu também sinto isso.

- A gente fala, mas parece que isso de certa forma tira a agência dessas mulheres, é como se elas fossem um bloco que está ali subjetivada àquele estereótipo e não faz

nada, não tem ação. E eu acho que as mulheres têm ação, nem sempre o recurso que ela usa vai ser o mesmo que ela usa no outro. Mas é importante saber quais é que são as construções desses recursos, porque às vezes o recurso de uma mulher pode ajudar a outra, enfim (...) Essas pequenas ferramentas do que constituem o que é empoderamento, porque empoderamento sendo falado assim de forma abstrata quando uma pessoa está numa situação difícil "Ah, mas se você se empoderar, você vai viver melhor", mas a pessoa não necessariamente sabe o que vai empoderá-la naquela situação, e eu acho que é um processo de aprendizado que pode ser coletivo.

- Com certeza, e se pensarmos no empoderamento como a capacidade de tomarmos decisão sobre a própria vida no sentido mais amplo, quais são as ferramentas que utilizamos para ter o controle da própria vida? Para escolhermos a nossa própria vida. É muito interessante pensarmos sobre isso, acho isso muito interessante mesmo, porque as pessoas são diferentes e muitas vezes os recursos, e nesse caso, psicossociais, são fantásticos. Porque, por exemplo, há mulheres que viram empreendedoras, criam seu próprio trabalho para terem uma oportunidade de trabalho e isso é um processo de construção e de dar a volta ao sistema também. Outras que não, outras que se utilizam de outras metodologias. O que eu sinto muito da nossa geração, do que tenho vivido e visto, uma das ferramentas maiores tem passado pela universidade, ou seja, nós temos tentado através de ir para a universidade, de integração. Até como expectativa de "se eu fizer um curso em Portugal vou conseguir um trabalho na minha área, e assim vou me empoderar".

- Já passei por isso (Risos).

- Eu digo também por mim e por várias colegas e amigas que (...) Acho que tem sido um recurso de uma classe social diferente que vem do Brasil para cá imigrando, que não corresponde à grande massa de mulheres trabalhadoras que estão aqui a ralar todos os dias, e estão no mercado de trabalho, e estão nos cafés, estão no serviço, estão nas casas de família, essas mulheres, então, que ainda têm a ideia da "minha posse", as trabalhadoras domésticas, as internas, você não faz ideia das histórias que a gente ouve aqui dessas mulheres, que passam dentro da casa das pessoas. (...) dependem daquela família, acham que é normal, muitas vezes vieram há anos, trabalham para essas famílias há anos e acham que trabalhar sete dias na semana, doze horas e ganhar 500 euros é normal. E aí num país em crise, vem aquilo, né? Se você não aceitar, eu tenho 300 pessoas na fila que têm interesse, essa pressão psicológica, também.

- E nisso o imigrante fica sempre mais suscetível, né?

- Sim, primeiro pelos sentidos, significados e códigos sociais que nós muitas vezes não compreendemos. É natural, eu sempre digo, mesmo no Grupo Acolhida ou aqui, não temos de nos sentir culpados por não entender o sistema. Nós demoramos vinte e tantos anos para entender, e ainda não entendemos, o sistema do nosso país. Como é que em um mês ou um ano ou dois anos nós vamos perceber um sistemas que nem os próprios nacionais entendem? Não temos que relativizar essas experiências. (...) E sabe o que eu digo, a minha formação é em Psicologia Comunitária, e das coisas que eu mais venho nesses anos de trabalho, mais do que de academia, a refletir é: conhecimento. E eu bato muito nessa tecla no Grupo Acolhida, nós temos que ter sempre a vontade mesmo de saber o máximo possível. De informação.

- Isso nos protege.

- Nos protege. Não significa que a gente tem que saber tudo, mas saber onde é que eu posso saber. Muitas vezes saber onde você pode tentar saber é mais importante do que o próprio saber, pode nos proteger de muitas coisas assim. Eu lembro de coisas que eu passei no início que hoje eu penso: como? Eu lembro que uma vez eu fiz um part time, um dia, num local, logo que cheguei, aquilo era das 9h da manhã às 20h e era 20 euros

por dia. E hoje eu penso, se eu soubesse o que eu sei hoje eu tinha levado lá a ACT. Mas a gente não sabe. (...) E eu acho que vem a questão da expectativa, Mariana. A gente vem para Portugal e nós achamos que tudo vai ser diferente do que é no Brasil, de que aqui as coisas funcionam. Nós também temos uma ideia romântica de como é que é o país de acolhimento e da Europa, e eu sinto muito isso e é muito comum essa fala no grupo que é, "Eu me decepcionei", tipo, já ouvi umas coisas do gênero, "Eu achei que ia chegar aqui e escolher trabalho" (risos), ou eu achei que fosse chegar aqui e ser recebido com carinho, e aí você começa a vivenciar, entrar na comunidade, turista é tudo lindo, meus pais vêm como turistas e é lindo, mas viver é outra situação, é outra história. O que mais você precisa saber da Casa do Brasil?

- Muitas coisas já fomos falando (...), mas queria saber qual é a visão de vocês desses estereótipos, mas acho que de certa forma já falamos. Oficialmente, vocês têm uma visão consciente de gênero, né?

- Sim, oficialmente. Temos e trabalhamos nisso.

- E existe formação para conscientizar todas as pessoas que trabalham, que estão envolvidas, as pessoas aqui têm alguma...

- É assim, a Casa do Brasil sempre teve essa visão e sempre teve as questões de gênero como prioridade, desde sempre. Curiosamente, a maioria das pessoas que trabalham atualmente, vou falar da minha era, desses últimos cinco anos, já têm uma formação prévia nas questões de gênero. O Diógenes já trabalhou também nessas questões de gênero desde o Brasil, eu já tenho porque tenho a formação, mas também é minha questão própria de trabalho, de luta e de ativismo, além de ser de curiosidade de estudo e trabalho... Eu sinto que talvez as pessoas que têm mais esse conhecimento acabou por ir influenciando também os outros trabalhadores. Nós somos cinco funcionários, uns mais presentes ou não, mas a própria direção da Casa sempre foi em toda a história muito próxima das questões de gênero, isso é muito interessante. Sempre estivemos envolvidos em projetos com a Beatriz Padilla ou com outros estudiosos, sempre estivemos muito abertos a essas discussões. E não só, sempre tem vindo a ser desenvolvido trabalhos na Casa não tanto quanto eu gostaria, até porque não é especificamente o foco da Casa, apesar de ser um braço de trabalho, eu gostava de desenvolver mais iniciativas na área de gênero, mas especificamente da mulher imigrantes. Temos conseguido fazer com os financiamentos e isso uma coisa e outra, e com as parcerias. A Casa sempre teve parceria com a Umar, que é a maior associação feminista. Então, sempre desenvolveu projetos em parceria, não só temos também uma diretora que também trabalha na Umar, que foi-se também criando essa consciência crítica da própria associação de metodologia de trabalho e visão, também, mas nós sempre participamos todos os anos da marcha do 25 de Novembro, subscrevemos sempre os manifestos, temos essa preocupação política, mesmo no próprio trabalho, quando percebemos que tem questões de gênero, violência doméstica, violência de gênero. Já sabemos como aquilo deve ser levado, ou seja, não desconsideramos as questões que sejam específicas de gênero. Temos essa atenção. A formação específica: participamos sempre de ações, de outras associações e nossas quando desenvolvemos, tal como a que você participou e não só. Agora vamos ter uma que vai ser financiada dentro do Grupo Acolhida, sobre mulheres imigrantes, também.

- Quais são os profissionais que trabalham aqui, qual é a estrutura?

- Sim, nós temos eu e a Rita, que estamos a tempo inteiro, eu sou psicóloga e ela é antropóloga. Nesse momento estamos divididas mais por projetos, eu estou nesse momento com a coordenação do Grupo Acolhida e do atendimento e ela está nos outros. Temos o Diógenes, que é das Ciências Sociais e está na triagem e no atendimento, a Lina que é jornalista e trabalha com a comunicação da Casa e temos a Patrícia, que

também é jornalista, mas também trabalha com o Gabinete de Inserção Profissional, só na área do trabalho. Em termos de funcionários somos esses nesse momento. Nós trabalhamos com projetos, estou a focar só na intervenção social, porque depois tem toda a parte cultural, também.

- Eu queria saber um pouco também sobre as atividades culturais.

- Temos várias atividades nesse sentido. Na parte da orientação e encaminhamento temos esse gabinete, do Grupo Acolhida, agora com esse projeto novo que foi aprovado, vamos ter o Grupo Acolhida quinzenalmente, de uma hora e meia (...) Dentro desse projeto vamos ter sete ações informativas que vão ser sobre a autorização de residência, mulher imigrante, nacionalidade e direitos e deveres do trabalhador e trabalhadora imigrante, ou seja, é fazermos grupos focais com temas específicos (...) Temos esse projeto que é o Ser Imigrante em Cascais, que é uma parceria com a Câmara de Cascais, vai ser desenvolvido ao longo de seis meses um documentário etnográfico. São seis imigrantes que vão contar a sua história sobre como é ser imigrante em Cascais, paralelamente ao documentário vão ser produzidos postais com pequenas histórias das pessoas que não entraram no documentário, os que não foram selecionados vão poder escrever num postal um pedacinho da sua história. Mas a ideia é... Vão ser desenvolvidos focus group, quatro, mas é um projeto participativo, são as pessoas que vão produzir e entender como que querem mostrar o que é ser imigrante em Cascais. (...)

Pensando no seu trabalho, num calendário, eu acho que no fim de semana não é uma boa ideia, as pessoas não participam, isso é uma coisa que a gente tem aprendido. A nossa comunidade é de difícil mobilização, é difícil trazer as pessoas para as coisas. E fim de semana, então... Melhor você fazer assim, tipo, uma quinta à tarde, ou depois do trabalho. E ser um pouco flexível, acho, na metodologia, talvez aqui eu até sugeriria, é interessante usar de outros recursos para chegar até essas mulheres, não só através do trabalho fixo nas oficinas, eu tenho medo de você não atingir dez pessoas, sabia? Por exemplo, imagina que no Grupo Acolhida você tem três mulheres interessadas, pensar em outras formas de metodologia, como é que você poderia trabalhar com essas mulheres se elas não tiverem disponibilidade para virem nessas oficinas? (...) Por exemplo, você pode pensar em recolhas autobiográficas que não passem pela participação em todos, mas que você possa marcar com elas um encontro e mostrar o que é isso, entende? Vai pensando em outras metodologias que podem ser enquadradas aqui, porque você pode fazer, por exemplo, duas partes, sei lá, marca. A nossa questão aqui é só saber se a sala está disponível ou não. Nisso não se preocupe, eu te ajudo nessa questão de organização e de pensarmos isso coletivamente.

- E convidar, divulgar pelas redes de vocês?

- Não só, eu estava aqui pensando numa forma de divulgação, mas a Lina pode nos ajudar com essa parte da comunicação. Mas podia dizer, eu criaria um projeto, faria uma imagem, não é só o projeto de mestrado da Mariana (...), pensaria mesmo num projeto, numa atividade, ou seja, é um projeto que tem uma atividade, que vai se dividir em "tan, tan, tan", cria-se um projeto, cria-se uma marca e começa a ir até as pessoas. (...) Acho que, sendo um projeto com imagem, com isso tudo, fica mais fácil das pessoas participarem, por exemplo, o Ser Imigrante em Cascais, nós divulgamos na semana passada e já temos um monte de inscrição, por quê? Porque é um projeto, é uma marca. E nós tínhamos receio das pessoas não quererem contar as histórias, ao contrário. (...) Pode nos colocar como parceiros, isso não há problema nenhum, e pode valorizar o seu trabalho, tipo de local, divulgação, também podemos te ajudar a pensar nisso, de como construir a metodologia, acho que faz todo o sentido, se precisar de logo ou de uma carta nossa, é só dizer, tipo se a Casa tiver que assinar algum compromisso de parceria

também podemos, não tem problema. (...) Nós podemos entrar como parceria, não tem problema, até porque pode ter mais peso nisso da divulgação, tipo, mandamos para várias associações e isso, é um projeto que está a ser desenvolvido em parceria e isso. Mas isso eu deixo à sua disposição. (...) Acho que é rico conversar com as mulheres que já frequentam os projetos da Casa para já ir criando essa dinâmica... (...) Se você já tem um grupo interessado, é mais fácil descobrir um dia, uma metodologia, uma hora, que essas pessoas possam participar, por exemplo. (...) Eu acho que tudo que nasce das pessoas tem mais chance de sucesso. (...) Tudo o que for preciso de ajuda em logística, seja ela espaço, nós podemos mandar convites, tudo o que não envolva dinheiro, nós podemos, tipo, em nome da Casa do Brasil, podemos sim, promover, isso não há problema, a gente só não tem dinheiro. O que não significa, eu vejo, sinceramente, um projeto desse, financiável. Imagina que no futuro você perceba que quer alargar, quer fazer algo que seja maior, vejo e vejo financiamento para isso, financiamentos locais, não financiamentos muito grandes. (...) Para já não vejo, mas para o futuro, sim. Eu vejo e acho que tem pernas para andar. Em tempos, a gente tinha pensado em fazer algo parecido, mas só via Internet, fazer um banco de recolhas de histórias de vida de mulheres, entretanto o trabalho sempre nos atropela e temos que ir escolhendo os projetos, mas uma ideia que já tínhamos tido nessa área, de ouvir as mulheres, de qual é a vivência delas, é que o seu caso é diferente, é que você quer trabalhar a literatura e a capacidade da escrita e também adquirir conhecimento, porque é bacana, porque aqui você também não só está a ouvi-las, mas está a dar ferramentas, está ensinando elas a produzirem algo, é muito bacana por causa disso. Não é só, "Vai lá e conta a sua história", é "Vai lá e aprenda a escrever a sua história", isso é giro, dá uma ferramenta, dá conhecimento. Há uma troca aqui e é muito interessante nesse sentido, mas eu vejo como um projeto que pode andar. O Grupo Acolhida, por exemplo, nós temos conseguido financiar, e é uma metodologia parecida, não na mesma lógica, mas é possível. Tem havido muito interesse nessas metodologias participadas e participativas. (...) Temos várias atividades, e atividades esporádicas que vão acontecendo, tipo filme, lançamento de livro, tem tanta coisa, teatro, nós também funcionamos como um espaço onde outros artistas ou pessoas que têm produzido coisas, ou pessoas da área cultural, também utiliza muitas vezes o espaço para demonstrar suas atividades. Projetos na área do desenvolvimento não temos tido, projeto específico, por exemplo, esse projeto específico vai ser desenvolvido com a finalidade de intervenção social para isso e para isso, seja empoderamento ou não, também pode ser mudança social, não temos tido no papel, mas todas as atividades da Casa acabam por ter um pouco esse papel. Temos buscado isso. (...)

- Eu acho que temos a ganhar todos com um projeto assim.

- Sim, em parceria, não é? Eu acho que sim por vários motivos. Primeiro porque eu acho que a Casa tem interesse nesse tipo de trabalho, acho sempre. E depois porque pode ser mais fácil chegar até as pessoas, seja convidados para vir, seja para as próprias mulheres que já conhecem a Casa. É mais fácil (dizer) "A Casa do Brasil lançou esse projeto junto com a Mariana" ou "Promovido pela Mariana" do que "A Mariana utiliza e chama...". E acho que tem um trabalhinho que vai ser o mais chato que é de partir pedra para... Eu acho que corremos menos risco se formos criando junto às pessoas que já estão pela Casa e não só, um espaço para começar. Eu faria quase um ano zero, um período de dois ou três meses de reconhecimento de terreno, que você pudesse ouvir as mulheres que estão aqui na Casa, que vêm para o atendimento, ou para o Grupo Acolhida, ou até do Ser Imigrante em Cascais, dos outros projetos que estão acontecendo, do GIP, porque o GIP recebe tanta gente que vem por essas questões de trabalho... Não sei, daria para você fazer um período para você estar com as pessoas,

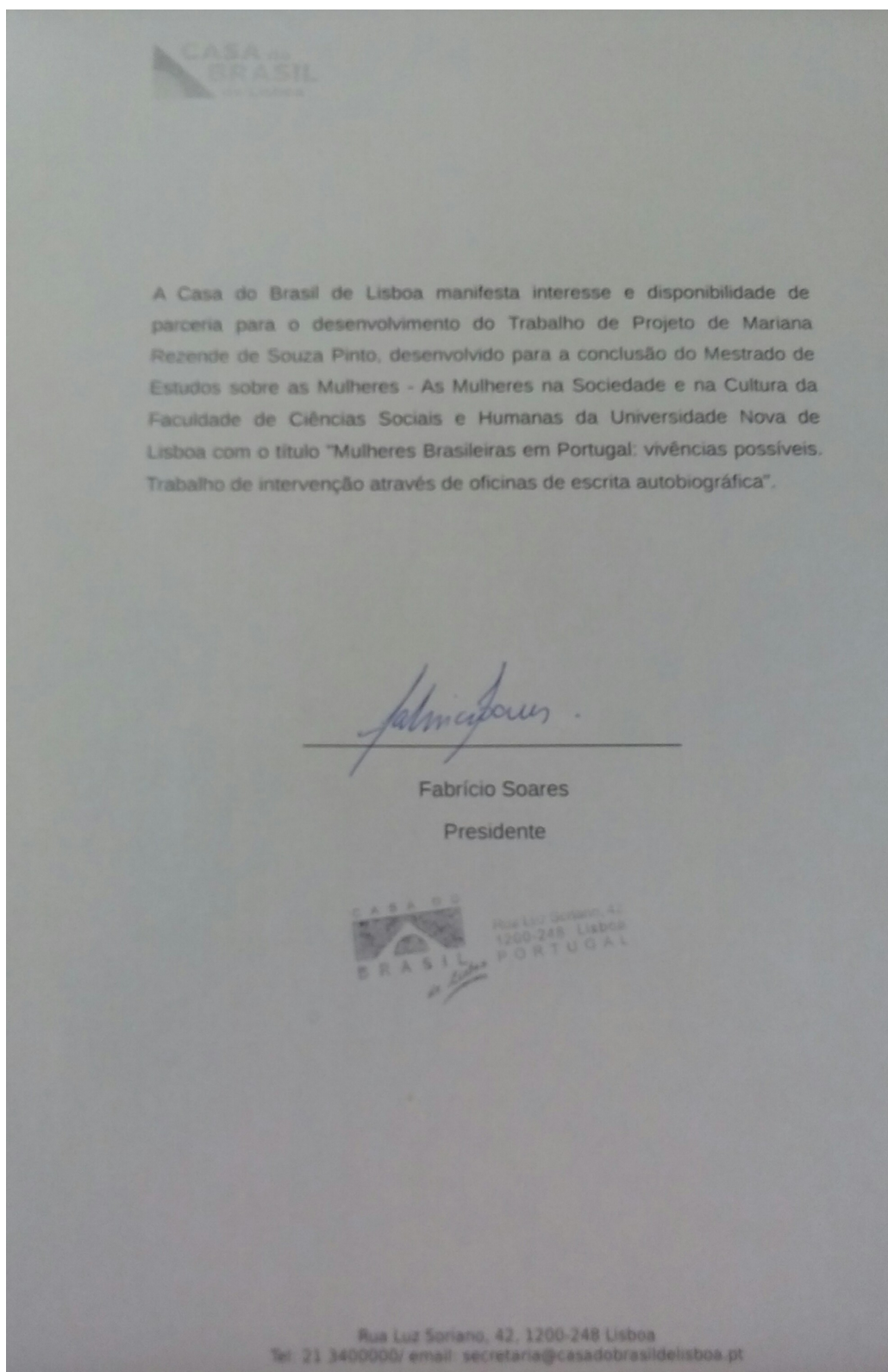
ouvi-las, estar aqui, estar com elas, vir aqui no Grupo, estar aqui um dia ou outro e fazer esse trabalho de auscultação, e dizer "Vou desenvolver um projeto assim, tem interesse?", e paralelamente a isso fazemos uma boa divulgação, mandamos para todo lado, porque as próprias associações vão reconhecer, "Ah, nós temos essa mulher aqui que pode ser interessante", muitas vezes nos encaminha, e isso é bom. (...) Acho que está bem estruturado, eu vejo isso e só teria cuidado com... Eu acho que dez pessoas é muita gente, não é muito simples. Até em Cascais nós optamos por seis porque tínhamos esse receio, mas como é só um projeto, é só a ideia do que você poderia desenvolver, arrisca (...).

- Obrigada!

- Espero ter ajudado!

Anexo B

Declaração de interesse e disponibilidade de parceria com o projeto emitida pela Casa do Brasil de Lisboa.



Anexo C

Questionário para sondagem de interesse na participação das oficinas realizado entre 13 e 27 de Julho de 2017.

Texto de apresentação:

Pré-inscrição para Oficinas de escrita autobiográfica para imigrantes brasileiras em Lisboa

Escreviver: Oficinas de escrita autobiográfica para imigrantes brasileiras em Lisboa
As oficinas serão realizadas no âmbito do Trabalho de Projeto do Mestrado em Estudos sobre as Mulheres na FCSH da Universidade Nova de Lisboa e acontecerão na Casa do Brasil em Lisboa.

O objetivo das oficinas é sensibilizar e empoderar as mulheres brasileiras imigrantes em Lisboa face aos estereótipos enfrentados. As oficinas pretendem oferecer um espaço para que as participantes possam escrever sobre suas experiências enquanto brasileiras em Portugal compartilhando e ampliando suas vozes para além dos discursos que limitam suas vivências.

Este questionário também funcionará como uma pré-inscrição e os e-mails das interessadas serão coletados para futuras informações sobre a realização das oficinas.

Obrigada pela participação e até breve!

Questões:

1. Há quanto tempo mora em Portugal?
2. Qual é a sua idade?
3. Qual e a sua ocupação?
4. Teria interesse em participar de uma oficina de escrita autobiográfica para mulheres brasileiras na Casa do Brasil de Lisboa?
5. Por favor, deixe seu e-mail e futuramente entraremos em contato sobre as datas de realização e formato das oficinas.

Respostas:

	P1	P2	P3	P4	P5
Respondente 1	3 anos	30 anos	Estudante e trabalho precário	Sim	samaraazevedo@gmail.com
Respondente 2	1 ano e 10 meses	26 anos	Estudante e trabalhadora	Com certeza	marivalencio@gmail.com
Respondente 3	8 meses	43	Desenvolvimento de negócios e estudante	Sim	jamildesfreire@gmail.com
Respondente 4	1 ano e meio	24	Estudante	Sim	recieslak@gmail.com
Respondente 5	5 meses	32	Digital Marketeer	Sim	mariahabbr@gmail.com
Respondente 6	16 anos	49	Jornalista	Curiosidade em perceber o perfil das mulheres imigrantes brasileiras em Portugal.	csrosa@lusa.pt
Respondente 7	1 ano e 10 meses	28	Jornalista e estudante de mestrado	Sim	Patrplima@gmail.com
Respondente 8	2 anos	29 anos	Advogada e estudando de mestrado	Não tenho certeza. Preciso de mais informações sobre o projeto.	nati_dt@hotmail.com
Respondente 9	11 meses	26 anos	Estudante	Sim	ribeirobarbara91@gmail.com
Respondente 10	4 meses	37	autônoma	sim!	lucijaimovich@gmail.com
Respondente 11	Completará um ano em 17 de agosto	29	Jornalista / trabalho em SAC em Lisboa	Sim, super. O horário da manhã seria ótimo	leticia88@gmail.com
Respondente 12	6 anos	35	Tradutora	Sim ??	isalaxe@gmail.com
Respondente 13	4 meses	28 anos	Assistente de direção em audiovisual, atendente de mesa, estudante	Sim	oliviapedroso@gmail.com

Respondente 14	11 anos	39	Tradutora	sim	carolinavivas77@hotmail.com
Respondente 15	12 anos	43 anos	Tradutora	Sim	ilanapatriota@hotmail.com
Respondente 16	9 meses	33 anos	estudante	sim	xicanay@gmail.com
Respondente 17	26 meses	34 anos	Mestranda	Sim	dianagondim@gmail.com
Respondente 18	Oito meses	38	Estudante	Sim	Mesquitalucia@gmail.com
Respondente 19	Há quase 8 anos.	34 anos	Pasteleira	Sim!	vivisfila@yahoo.com.br
Respondente 20	10	40	Professora/Tradutora	Sim	ligiapoca@gmail.com
Respondente 21	8 anos	31	Psicóloga	sim	cyntiadepaula.br@gmail.com
Respondente 22	1 e meio	34	Professora de Inglês	Sim	cristiane.fabocci@hotmail.com
Respondente 23	3 anos e 10 meses	31	Estudante e trabalhadora	Sim	tathimattos@gmail.com
Respondente 24	9 meses	22	Estudante	Sim	joannebarbozaf@hotmail.com
Respondente 25	9 anos	47 anos	Técnica em Geriatria	Sim	Lsvinhot@gmail.com
Respondente 26	15 anos	35	Massagista Terapêutica	Sim	pbeluzzo@gmail.com
Respondente 27	12 anos	49	Artesã	Sim	carlambpm@sapo.pt
Respondente 28	10 meses entre 2014/15, e 6 meses em 2017.	35 anos	Esteticista	Sim. Muito interesse. Vivi muitas experiências nestes tempos que vivi e vivo aqui. Inclusive também é um interesse de estudos meu para o Mestrado. Sou graduada em ciências sociais, pela ufmg.	marymeller@hotmail.com whatsapp: 351935047314

Respondente 29	5 anos	35	Editora	Sim	viviandefatimasoares@gmail.com
Respondente 30	7 anos	36	Formadora	Sim	chefpri@gmail.com
Respondente 31	10 anos	28 anos	Digital Marketing Analist	Sim	moura.lais@gmail.com
Respondente 32	2 anos e 9 meses	34	desempregada	sim	fernandaaccampos@gmail.com
Respondente 33	1 ano e 11 meses	32	Estudante-trabalhadora	Sim	samara.rw@gmail.com
Respondente 34	1 ano e 4 meses	30	Técnica de rastreio e assistente social	Sim, mas só tenho disponibilidade aos finais de semana	marilia.po@gmail.com
Respondente 35	5 anos	37	Bolsista de investigação	Sim	ellengt@hotmail.com
Respondente 36	2 anos	52	Estudante/Desempregada	Sim	marthasclongo@gmail.com
Respondente 37	2 + 2	48	Auxiliar de Educação	Sim!	Gloriadettmar@hotmail.com
Respondente 38	6 anos	34	Analista de laboratório	Sim	tegoliveira@gmail.com
Respondente 39	15 anos	38	IT Recruiter	Sim	allechaves1@gmail.com
Respondente 40	dois anos e meio	34	psicologa, no momento a procura de trabalho	sim	polyvalera@live.com

Anexo D

Excertos de textos autobiográficos:

1. Carolina Maria de Jesus, "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960)

Fome, vida interior, leitura

"O João José veio avisar-me que a perua que dava dinheiro estava chamando para dar mantimentos. Peguei a sacola e fui. Era o dono do Centro Espírita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente. A perua foi-se embora. O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão, dois melhoraes e o resto pão. Puis água no feijão para fazer café. O João retornou-se. Disse que havia perdido os melhoraes. Voltei com ele para procurar. Não encontramos."

Relações sociais, vida interior, escrita

"Veio a D. Silvia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhos são mal iducados. Mas eu não encontro defeito nas crianças. Nem nos meus nem nos dela. Sei que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu carater. A única coisa que não existe na favela é solidariedade."

Escrita autobiográfica como porta-voz de uma realidade

"... Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. Muitos catam sapatos no lixo para calçar. Mas os sapatos já estão fracos e aturam só 6 dias. Antigamente, isto é de 1950 a 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando causticante. Já não sobra dinheiro para eles comprar a pinga. As batucadas foram cortando-se até extinguir-se."

2. Maya Angelou, "I know why the caged bird sings" (1984)

Relação com o racismo

"Era terrível ser negro e não ter controle sobre minha vida. Era brutal ser jovem e já ter sido treinada para permanecer sentada e calada, sem defesa, ao ouvir chacotas sobre minha cor. Todos nós deveríamos estar mortos. Sim, eu pensava, eu gostaria que todos nós estivéssemos mortos e empilhados uns sobre os outros."

Relação com o racismo

"Não ficariam eles surpresos quando um dia eu acordasse do meu horrível sonho negro e esse pixaim duro curto que Moma nunca me deixou alisar fosse substituído pela minha verdadeira cabeleira loira e longa? Meus olhos azuis iriam hipnotizá-los... pois, na realidade, eu era branca, mas uma madrasta cruel, que possuía uma inveja inexplicável da minha beleza, havia me transformado em uma garota negra e gorda, de cabelos duros e dentes tão separados que caberia até uma caneta entre eles."